

O Instituto Benjamin Constant e os nossos cegos

Reportagem de ADALBERTO RIBEIRO

A REALIZAÇÃO no Rio de Janeiro do I Congresso Interamericano de Prevenção da Cegueira veio focalizar problema social cuja importância não precisa ser ressaltada e também nos levar a pensar nessa outra velha questão que se estuda desde o tempo do Império, da assistência que deve ser dada aos nossos cegos.

Dissemos desde o Império porque já em 1835 o Deputado Cornelio Ferreira França dela cogitara com a apresentação à Câmara de um projeto mandando criar em cada Província uma escola para cegos e surdos-mudos. Esse projeto encalhou.

Pelo decreto n. 408, de 17 de maio de 1890, que deu novo regulamento ao Instituto Benjamin Constant, previa-se também a criação de escolas semelhantes em várias zonas do país. Isso não foi feito.

Quanto à legislação estadual só Minas Gerais tem lei especial sobre o assunto e da qual decorreu a criação do Instituto S. Rafael de Belo Horizonte, para instrução de cegos, limitando-se S. Paulo, Baía, Pernambuco e talvez outros poucos Estados a subvencionar instituições de iniciativa particular.

Só um século depois, ou seja em 1934, a Câmara dos Deputados quase tratou do assunto. Soubemos agora dessa sua intenção ao colher estas notas, ouvindo o Sr. Jorge de Lacerda, diretor da Associação Aliança dos Cegos desta capital. Nesse ano elaborou ele um ante-projeto de decreto-lei no qual estabelecia a criação em todas as capitais de um Departamento Técnico Profissional destinado aos cegos de cada Estado, com indústria de produtos de sua fabricação exclusiva, isenta de impostos e gozando de outros favores. O então Deputado Augusto do Amaral Peixoto interessou-se pela medida, que, por qualquer circunstância, não teve êxito.

Nessa mesma ocasião, o vereador Heitor Beltrão apresentou à Câmara Municipal projeto semelhante, que, considerado objeto de estudo, foi remetido ao prefeito afim de pronunciar-se a respeito.

Como em nossa legislação municipal nada conste referente à solução do problema da assistência aos cegos no Distrito Federal, é de supor-se, naturalmente, que o trabalho do esforçado Sr. Heitor Beltrão tenha se perdido como os anteriores.

Deixemos de lado as deficiências de nossa legislação e passemos em revista o que, afinal, há de concreto entre nós quanto à assistência a cegos.

Nada de otimismo maravilhoso, que nem sempre constrói e só serve muitas vezes para encobrir, como espessa cortina de fumaça, coisas já muito conhecidas e que, por isso mesmo, devem ser focalizadas tais como são e sem,

absolutamente, artifícios manhosos e enganadores.

Também não é razoável que enveredemos a só ressaltar o que é falho ou deficiente, deixando sem referência o que já está feito ou que se pretende fazer de bom, útil e proveitoso.

Se as nossas estatísticas não falham, e existindo um cego para cada grupo de mil videntes, deve haver no Brasil, 45 mil cegos!

— E quantos estão *realmente* amparados?

Se pudessemos, largariamos em meio, nesta altura, a revelação do que já está mais ou menos apurado: não chegam a mil!

Agora, tenham paciência, não há de ser em dois ou três anos que se poderá resolver problema tão complexo e, com franqueza, de estudo negligenciado há mais de um século!

Alegre-nos saber que o atual Governo trabalha para dar-lhe definitiva e adequada orientação. Adeante veremos isso.

Por outro lado, não devemos deixar de pôr de manifesto o que a iniciativa particular tem conseguido realizar com pertinácia e carinho aí pelos Estados e, sobretudo, nesta Capital. Dessa contribuição falaremos depois, cabendo-nos por agora tratar do nosso mais antigo estabelecimento oficial de ensino de cegos e que é

O INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Um pouco de história e de reminiscências concorrem, sem dúvida, para amenizar este trabalho e ao mesmo tempo revelar a bela tradição do grande estabelecimento da Avenida Pasteur.

Então, vamos lá: em 1851 regressava ao Rio de Janeiro um jovem cego de 17 anos, que daqui partira em 1844 afim de estudar na França, na Institution de Jeunes Aveugles de Paris, pois que no Brasil não havia nessa época nenhum estabelecimento destinado à instrução de cegos.

Esse jovem foi Alvares de Azevedo que, segundo está escrito, deixou bela tradição na velha escola fundada no fim do século XVIII por Valentin Haüy, o verdadeiro iniciador da grande obra de emancipação intelectual dos cegos em todo o mundo.

Alvares de Azevedo vinha entusiasmado pela idéia de fundar também no Brasil instituto semelhante àquele que tanto o beneficiara no estrangeiro. E a prova disso está na tradução que fez e publicou da "História do Instituto dos Meninos Cegos de Paris", de autoria de J. Dondet. No prefácio desse trabalho, o nosso patrício nos fez sentir

quanto vinha sendo prejudicial ao Brasil a falta entre nós de estabelecimento congênere.

As coisas encaminharam-se bem para Alvares de Azevedo: foi convidado logo para professor de linda criança, uma filhinha cega do Dr. José Francisco Xavier Sigô, médico do Paço Imperial. Dentro de pouco tempo, entre o Dr. Sigô e o professor cego estabeleceu-se estreita e cordial amizade.

Por intermédio do pai da ceguinha foi seu professor apresentado a D. Pedro II. O Imperador ficou admirado da cultura de Alvares de Azevedo e, desejando confortá-lo, disse-lhe então, tocando-lhe paternalmente ao hombro:

— A cegueira já não é uma desgraça.

Satisfeito com a acolhida generosa dispensada a seu apresentado, animou-se o Dr. Sigô, juntamente com Alvares de Azevedo, a estudar um meio de fazer-se também aqui no Rio obra parecida com a velha escola de cegos de Paris.

E era de ver-se como diariamente, depois da aula à menina cega, ficavam os dois a conversar num recanto do palácio da Quinta da Boa Vista sobre o projeto de realização de empreendimento de tão nobre e elevado fim. E, com geitinho, conseguiram eles interessar no assunto o conselheiro J. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Ministro do Império, que se ofereceu a encaminhar ao Congresso o pedido de criação do primeiro instituto de assistência e proteção aos nossos cegos.

Couto Ferraz, dentro de poucos dias, a exemplo do que ocorrera com o Dr. Sigô, estava empolgado pela idéia de Alvares de Azevedo, e nela falava com frequência e, com tal entusiasmo, que até parecia haver sido ela de sua iniciativa...

E durante longos meses o projeto se arrastou pelos canais parlamentares competentes, deixando apreensivo o jovem Alvares de Azevedo, que então enfermara gravemente.

E um dia o conselheiro Couto Ferraz disse ao Dr. Sigô:

— Olhe, Sigô, hoje o projeto passou em 1.^a discussão, e com mais um empurrão ele há de ir para frente.

E, assim, Alvares de Azevedo começou a verificar que sua idéia iria ser realmente bem aproveitada.

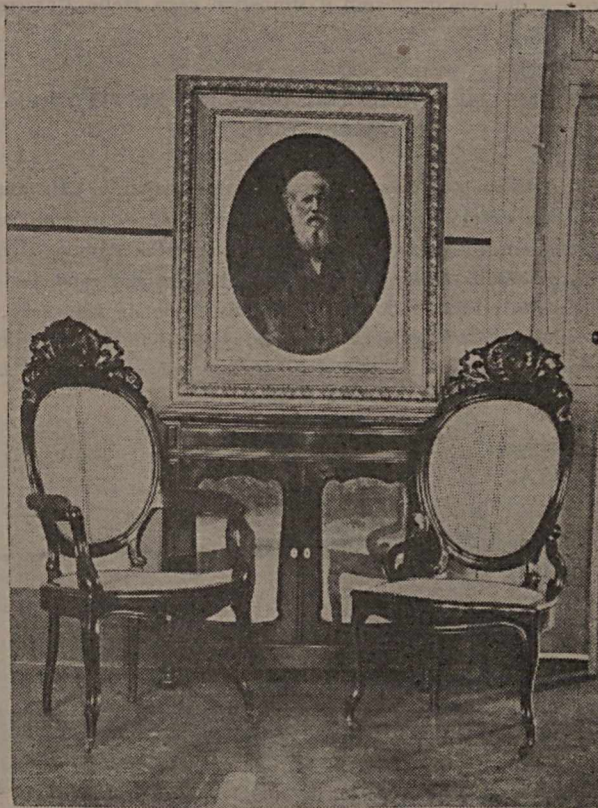
O projeto tornou-se afinal lei, que o Imperador assinou e muito contente! Isso foi em 10 de setembro de 1854. Dois dias depois saía outro decreto, criando na Corte o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que decorridos cinco dias se instalava em prédio do bairro da Saude. Houve festa, a que compareceram o Imperador e a Imperatriz, achando-se presente todo o mundo oficial. O Dr. Sigô foi nomeado diretor do novo estabelecimento.

Só não se achava presente à festa quem fora a alma de toda aquela iniciativa, idealizada desde 1851 e que, entre anseios e preocupações constantes, se lhe tornara verdadeira obsessão: Alvares de Azevedo, que, seis meses antes, falecera! Pediu ele, antes de morrer, que o deixassem expirar na casa que estava destinada a ser abrigo e escola de seus companheiros de infortúnio, os cegos. E essa vontade lhe foi feita.

Do bairro da Saude foi transferido o Imperial Instituto para aquele prédio contíguo ao Corpo de Bombeiros,

alí na praça da República, onde esteve por muitos anos o Depósito Público.

Falecendo em 1856 o Dr. Xavier Sigô, sucedeu-lhe na administração o Dr. Claudio Luiz da Costa, que conseguiu dar organização definitiva ao novo Instituto, que, em 14 de agosto de 1857, passou a ter uma oficina tipográfica com cinco aprendizes, sendo seu primeiro chefe o mestre Manoel Ferreira das Neves.



Cadeiras em que se sentavam o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz D. Teresa Christina nas sessões solenes realizadas no Instituto.

Em 29 de junho de 1872, D. Pedro II colocou a primeira pedra do edifício destinado ao Imperial Instituto dos Meninos Cegos, cujo terreno na Praia Vermelha fora doado para esse fim por S. M., por decreto de 14 de maio do mesmo ano. Nessa ocasião era diretor Benjamin Constant, a quem se deve o projeto da grande obra e, mais do que isso, a passagem dos cegos, em 1890, do velho edifício da Praça da República, para o da Praia Vermelha, em construção, logo que recebeu este cobertura, porque, segundo se dizia, estava sendo cobiçado pelo Governo para fins bem diferentes...

E foi assim, durante vinte anos que Benjamin Constant cuidou da casa dos cegos: com amor e dedicação, não só como seu diretor, mas também como Ministro de Instrução no Governo Provisório.

Proclamada a República, passou o estabelecimento a chamar-se Instituto Nacional dos Meninos Cegos e depois Benjamin Constant, em homenagem ao grande brasileiro, pelos inestimáveis serviços que lhe prestara,

O Instituto tem tido vários diretores, devendo ser lembrado o Dr. João Brasil Silvado, que construiu parte do atual prédio e desenvolveu o ensino profissional com a criação de novas oficinas.

Hoje, o Instituto se acha em fase de completa reforma, como veremos mais adiante através da entrevista com o atual diretor, Dr. João Alfredo Lopes Braga, criador da importante Secção Braille, que visitamos e da qual estampamos nesta reportagem fotografias de suas secções, entregues à direção do jovem e simpático cego Helio Bezerra do Amaral.

COMPLETA REMODELAÇÃO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

A visita que fizemos ao Instituto Benjamin Constant nos deu ensejo de observar o vulto das obras que ali se acham em andamento e que permitirão, sem dúvida, logo que concluídas, nova fase na vida do tradicional estabelecimento de ensino, subordinado ao Ministério da Educação.

Não se trata apenas de remodelação material, mas de completa reforma de processos de instrução profissional e ensino didático a crianças e adultos cegos.

Gostaríamos de ilustrar este trabalho com fotografias das obras em execução e que devem ficar terminadas em junho do ano próximo. Somos, entretanto, forçados a inserir outros instantâneos tirados na casa e não menos oportunos e interessantes.

Essa circunstância não nos inibe, absolutamente, de deixar de fazer registo de pormenor bem elucidativo do valor das obras: seu custo aproxima-se de cerca de dez mil contos!

Vê-se, assim, de forma realmente expressiva, o empenho do Governo do Dr. Getulio Vargas em dar melhor assistência aos cegos do país, embora com pesadíssimos encargos, remodelando de *fond-en-comble* velha instituição, que, dentro em pouco, se tornará modelo de outras congêneres, que se fundarem nesta Capital ou nos Estados, ou àquelas que procurarem largar de vez métodos e regime de trabalho hoje reconhecidos como anacrônicos e, assim mesmo, adstritas a poucas atividades. E estas, convenhamos, teem-se revelado, como demonstraremos adiante, pouco compensadoras ao cego - que delas procure tirar proveito cá fora, no justo e natural desejo de ganhar a vida honesta e condignamente.

Feitas estas observações, que nos acodem sem esforço, tal a evidente clareza dos informes que colhemos desde o



Mesa histórica, na qual Benjamin Constant trabalhava quando diretor do Instituto que hoje tem seu nome e na qual foram redigidos os primeiros atos do Governo Provisório da República.

início desta reportagem, seja-nos lícito passar para aqui a ligeira conversa que entretivemos com o Dr. João Alfredo Lopes Braga, diretor do Instituto Benjamin Constant.

Agora, confessemos à puridade, quase ficávamos privados da valiosa contribuição do Dr. João Alfredo, que há de figurar um dia na história que escrevermos das nossas atribuições como colaborador da "Revista do Serviço Público"...

— Agora, não! Fale primeiro ao professor Espinola Veiga.

— Amanhã, vou com o Conde esperar no Aeroporto o professor Curtis.

— No Instituto o senhor será recebido bem por qualquer funcionário e ali estamos acostumados a viver às claras. Não custa: tome primeiro suas notas lá e depois conversaremos.

E, assim, a pessoa que deveria ser a primeira, pela sua função oficial e reconhecida competência, a nos falar ou, melhor, a nos orientar nesta reportagem, esquivava-se à publicidade e a referir-se à sua grande obra.

E essa cautela, também a vislumbramos quando, afinal, conseguimos apanhar o precioso personagem da história de um velho reporter teimoso e cacete e que muito lutou pela mania de querer por força mostrar ao público os grandes empreendimentos, as grandes realizações de um governo... E o simpático Dr. João Alfredo tem este feio e incompreensível defeito: não conhece o pronome *eu*, que omite sempre ao falar de seus serviços, empregando "o governo", o que ele solta, sem sentir, naturalmente...

AS OBRAS DO INSTITUTO

Ao assumir a direção do Instituto, em 11 de fevereiro de 1938, encontrou o Dr. João Alfredo as obras já em execução e custeadas pelo Governo com o fundo patrimonial do estabelecimento e que, de acordo com a lei, deveria ser recolhido ao Tesouro. Fê-lo, assim, reverter, de forma justa e razoável, à própria instituição que o soubera formar.

E o diretor do Instituto nos explicou, em linhas gerais, a natureza dessas obras, acrescentando que o Governo não se limitou a inverter apenas o patrimônio em dinheiro, a que aludimos anteriormente. Foi mais longe: em créditos sucessivos, num montante de cerca de dez mil contos, tudo tem feito para que as futuras instalações da grande casa fundada por D. Pedro II tenham apresentação condigna.

E assim o Dr. João Alfredo nos expôs a natureza das obras:

"O edifício ficará com suas quatro alas fechando o quadrilátero delineado e nelas se instalarão as seguintes secções: auditório, jardim de infância, cozinha e dispensa. Também estão sendo construídas oito casas para professores cegos que as alugará por cômodo aluguel, e outras quatro para funcionários, cuja permanência no Instituto seja indispensável. Do projeto consta ainda ajardinamento e campo de esportes.

CLASSES DE CONSERVAÇÃO DE VISÃO

— Concluídas que sejam essas obras — continuou o Dr. João Alfredo — será então executada a instalação, inclusive das novas classes de conservação de visão e de serviços médicos especializados. Essas classes de conservação de visão destinam-se às crianças com defeitos oculares que, no momento, acompanham, nos cursos comuns de nossas escolas cá de fora, as crianças de boa visão. Não é preciso ressaltar o inconveniente dessa prática, que só pode agravar ainda mais defeitos apenas em início. A essas novas classes não faltará material didático adequado ao fim a que se destinam, e no país serão as primeiras oficialmente inauguradas. Como disse, destinam-se elas aos meninos de nossas escolas municipais. Beneficiando-se com o frequentá-las, virão eles por outro lado auxiliar o Instituto numa de suas finalidades precípuas, que é integrar o cego na sociedade comum.

Mas, voltando aos defeitos da vista que conduzem à cegueira e que podem ser evitados em tempo, foram eles largamente focalizados por competências do porte do doutor Curtis. Entre esses males avulta a oftalmia dos recém-nascidos, com as consequências que dela decorrem. Aliás, essa prevenção vai ser um dos maiores objetivos do Instituto Benjamin Constant, norteados que estamos pelo velho lema de que "prevenir é melhor que remediar". Aqui manteremos classes de conservação da visão, para evitar que, com a utilização excessiva da vista, venham a perdê-la indivíduos que podiam perfeitamente servir-se mesmo da pouca que teem. Já estamos iniciando inquérito para saber quantas crianças deixaram, no corrente ano, de gozar os benefícios da instrução primária, por defeitos de visão. Dessa forma, faremos idéia exata da extensão que terão as nossas futuras classes de conservação da vista. Como oculistas que somos, e com as observações diárias em nossa vida de hospital, não temos dúvidas de que é grande o número das crianças afastadas dos estudos por defeitos de vista, e não menos a quantidade das que vivem nas escolas comuns acabando de queimar o resto precioso da que teem.

ERA DEFICIENTE O ENSINO NO INSTITUTO

Perguntamos ao Dr. João Alfredo se tem sido muito apreciáveis os resultados do ensino no Instituto nos seus 85 anos de existência, e sua resposta não se fez esperar:

— Pelo pequeno número de cegos que encontraram trabalho cá fora, creio que os resultados de aproveitamento não foram apreciáveis, por deficiência do ensino e por não se propor o Instituto a integrar o cego na sociedade como seria de desejar. Pelo novo regulamento, já pronto e que espero seja aprovado, vamos cuidar dessa medida, cujo valor e significação não preciso ressaltar.

A SITUAÇÃO DO FUNCIONALISMO

— Os vencimentos dos professores obedecem ao mesmo nível dos de seus colegas de outros institutos oficiais?

— A lei n. 284 equiparou-os aos da antiga Escola Venceslau Braz, como então parecia melhor, dado o nível

de ensino dessa casa. E' claro que esse nivelamento de vencimentos subirá à medida que melhorar o nível de ensino e as finalidades do estabelecimento.

— Os extranumerários são numerosos?

— São. O último quadro criado dessa categoria de funcionários, o foi por concurso do D.A.S.P., do qual participaram os cegos, em igualdade de condições com videntes. Creio que é o único quadro no mundo de que fazem parte cegos e organizado por concurso para o Serviço Público.

— Há facilidade de arranjar-se professor cego?

— Os cursos especializados na formação de professores comuns datam de pouco em nosso meio. E' de prever que tem sido enorme a dificuldade de se conseguir bons professores para cegos. Antigamente, nomeava-se indistintamente cego ou vidente para lecionar no Instituto ao sabor de certo sentimentalismo ou de injunções políticas. O resultado foram aquelas deficiências do ensino de que falei anteriormente, as quais, felizmente, acabarão com a reforma do estabelecimento, pois o nosso regulamento distingue claramente os lugares que devem pertencer a cegos ou a videntes. Compreende-se facilmente que há matérias que só podem ser ministradas por cegos, como há outras que eles não podem ensinar com real proveito para os alunos.

— Será organizado curso só para a formação de professores para cegos?

— Ministraremos cursos de aperfeiçoamento aos portadores dos diplomas da Faculdade de Filosofia e do Instituto de Educação e dos colégios congêneres do Brasil.

LIVROS SÓ PARA CEGOS

— Será possível organizar uma biblioteca apresentável só com obras em Braille?

— Perfeitamente possível. Posso garantir à luz dos fatos, porque a nossa Secção Braille já está produzindo obras didáticas de modo que os nossos futuros educandos estudarão pelos mesmos livros que todos os alunos dos outros colégios para videntes.

A mesma Secção está editando a *Revista Brasileira para Cegos*, da qual nos podemos orgulhar. As cartas de agradecimentos que nos chegam desta Capital e do interior são comovedores e expressivos depoimentos do bem que o Governo está fazendo com a distribuição gratuita dessa publicação aos cegos, que agora desfrutam do prazer espiritual de agradável leitura.

RIGOROSO CONTROLE NA ADMISSÃO DE ALUNOS

— E' possível a organização de internatos para os cegos deficientes mentais que não devam permanecer no Instituto?

— Permanecer, não! Porque, no futuro, eles nem serão admitidos, uma vez que a matrícula no estabelecimento será sujeita a rigoroso controle de médicos e professores especializados, para que o Instituto não venha a abrigar, como abrigava, cegos que deveriam estar em manicômios ou hospitais. E' claro que o Governo se encarregará deles nas próprias casas de que já dispõe. Não há

necessidade alguma de haver um hospício ou um hospital exclusivamente para cegos. Um cego com debilidade mental ou um cego com qualquer doença que o impossibilite de viver na sociedade é, antes de nada, um debil mental, um louco ou um doente. Só o sentimentalismo, que estou procurando varrer desta casa, poderia considerá-los ainda como cegos normais e mantê-los aqui dentro, com prejuízo da coletividade. Cumpre-me dizer que, apesar de assumir o meu cargo com o estabelecimento já fechado, tive que afastar dele loucos e doentes que ainda nele se agasalhavam.

MÚSICA SÓ COM FIM EDUCATIVO

— Serão restabelecidas a orquestra e a banda de música que havia anteriormente no estabelecimento?

— Serão restabelecidas com fins educativos, se os meus técnicos julgarem isso necessário.

Nunca, porem, para tocar no pieguismo do público e muito menos para mostrar que o cego "toca música", coisa tão do agrado dos que lidam com eles. Se as bandas e as orquestras não derem aos cegos vantagens no provimento de suas subsistências nos lugares em que eles teem de viver, elas não voltarão a existir aqui. Nada faremos que não seja vantajoso para o aproveitamento econômico dos cegos e ambliopes, abolindo-se de vez as festinhas que comovem o público e de nada valem para a verdadeira educação dos alunos.

INDÚSTRIA NACIONAL PROMISSORA

— Não acha que poderia haver outros institutos semelhantes a este no Norte ou no Sul do país?

— Claro que sim, mas é melhor esperar que o nosso Instituto entre em franco funcionamento, afim de que ele venha a ser o padrão para esses colégios, evitando-se assim o desperdício de energias e a duplicidade de serviços inuteis.

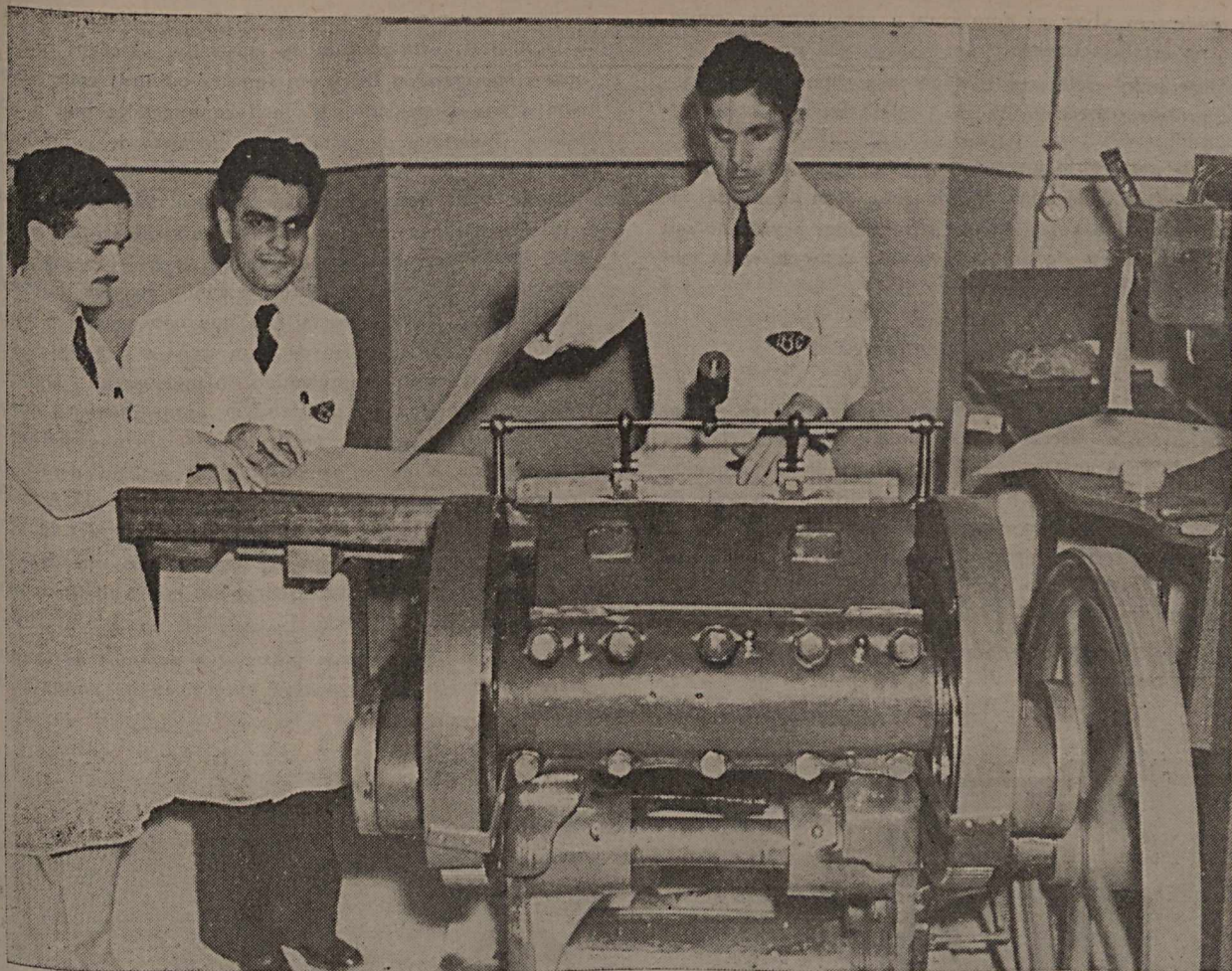
— Pretende importar máquinas modernas para as novas oficinas que se vão abrir?

— Já fizemos alguma importação do estritamente necessário, mas a nossa orientação dominante é fazer fabricar no país tudo o que for possível. Neste sentido, já conseguimos que se fabricassem em São Paulo os aparelhos para a escrita manual dos cegos, até então importados do estrangeiro. E esse fabrico correspondeu plenamente à expectativa dos meus técnicos, e os tempos atuais nos mostram como andamos acertados. Porque na presente situação teríamos que ficar à espera que acabasse a guerra atual, para iniciar depois a educação dos cegos e começar a dos ambliopes no Brasil."

E com esta última pergunta encerramos nossa entrevista com o Dr. João Alfredo que nos deu, em linhas gerais, o plano da reforma por que está passando o velho Instituto Benjamin Constant.

COMO O PROFESSOR J. ESPINOLA VEIGA ENCARA A REFORMA DO INSTITUTO

Sobre a reforma do ensino no Instituto, ouvimos o professor J. Espinola Veiga, que nos declarou que o novo



Impressão Braille — Ao centro vê-se o Sr. Helio Bezerra do Amaral, chefe da Secção Braille.

regulamento que a estabelece foi pela primeira vez elaborado em combinação com técnicos cegos do Brasil, pois o diretor Dr. João Alfredo fez questão de ouvir também os que vivem fora do estabelecimento.

O curso primário será de três anos e o secundário de cinco, com ensino de música.

O profissional compreenderá a indústria de artefatos de palha e fibras, como escovas, vassouras e colchões, estendendo-se ao ofício de afinação de pianos e outros trabalhos manuais.

Havia no Instituto cerca de 120 alunos de ambos os sexos, sendo 40 crianças, o que corresponde a 10 % da população infantil cega da cidade, a qual se acha calculada em 400. Mas, além de seus alunos, o Instituto abrigava outros cegos, alguns dos quais lhe prestavam pequenos serviços, de acordo com suas possibilidades.

Adeantou-nos o professor Espinola Veiga que, pelo novo regulamento, a entrar em execução, o ensino primário e o secundário serão idênticos aos comuns, apenas respeitadas as adaptações impostas pelas condições dos educandos.

O curso primário será seguido de um curso paralelo e pré-vocacional, destinado a desenvolver a suplência da vista pela acuidade dos sentidos e a integrar o cego nas sociedades normais, isto é, desenvolver ao máximo os sen-

tidos com que o cego supre a falta de vista; adestrar-lhe a habilidade manual; dar-lhe, quanto possível, os gestos e as maneiras que as outras crianças aprendem espontaneamente com o uso da vista e povoar o seu cérebro das mesmas imagens que a cada momento são recebidas pelas outras crianças.

No ensinamento dos ofícios serão tomados em consideração os mais proveitosos para os cegos e mais de acordo com a época em que vivemos e capazes de lhes dar o necessário provimento da subsistência. Por exemplo: os antigos trabalhos manuais de agulha serão substituídos pela malharia mecânica. Os cegos aprenderão a radiotelefonia e serão adestrados a servir em mesas telefônicas providas de sinais sonóros.

Está prevista a fabricação de artigos de couro, malas, tapetes, vime, etc. Enfim, a secção profissional será organizada de modo a poder caber nela qualquer pequeno ofício que se mostre rendoso para o educando, de acordo, naturalmente, com o meio social em que ele tenha de viver. Visa-se, na sistematização educacional do futuro Instituto Benjamin Constant, a preparação de cada aluno, tendo-se muito em conta a sua *ficha social*, de modo a ser preparado e viver bem na sociedade a que pertence.

Nos seus 85 anos de atividade não conseguiu o Instituto Benjamin Constant preparar grande número de cegos

que pudessem viver cá fora com a aprendizagem conseguida no estabelecimento.

Desejando esclarecer melhor essa observação, disse-nos o professor Espinola Veiga:

— E' necessário que se considere bem o que revela a *ficha social* de cada aluno matriculado, afim de se lhe dar instrução que lhe possa ser útil para ganhar a vida no seu meio. Estou certo de que dora avante conseguiremos melhores resultados nesse sentido.

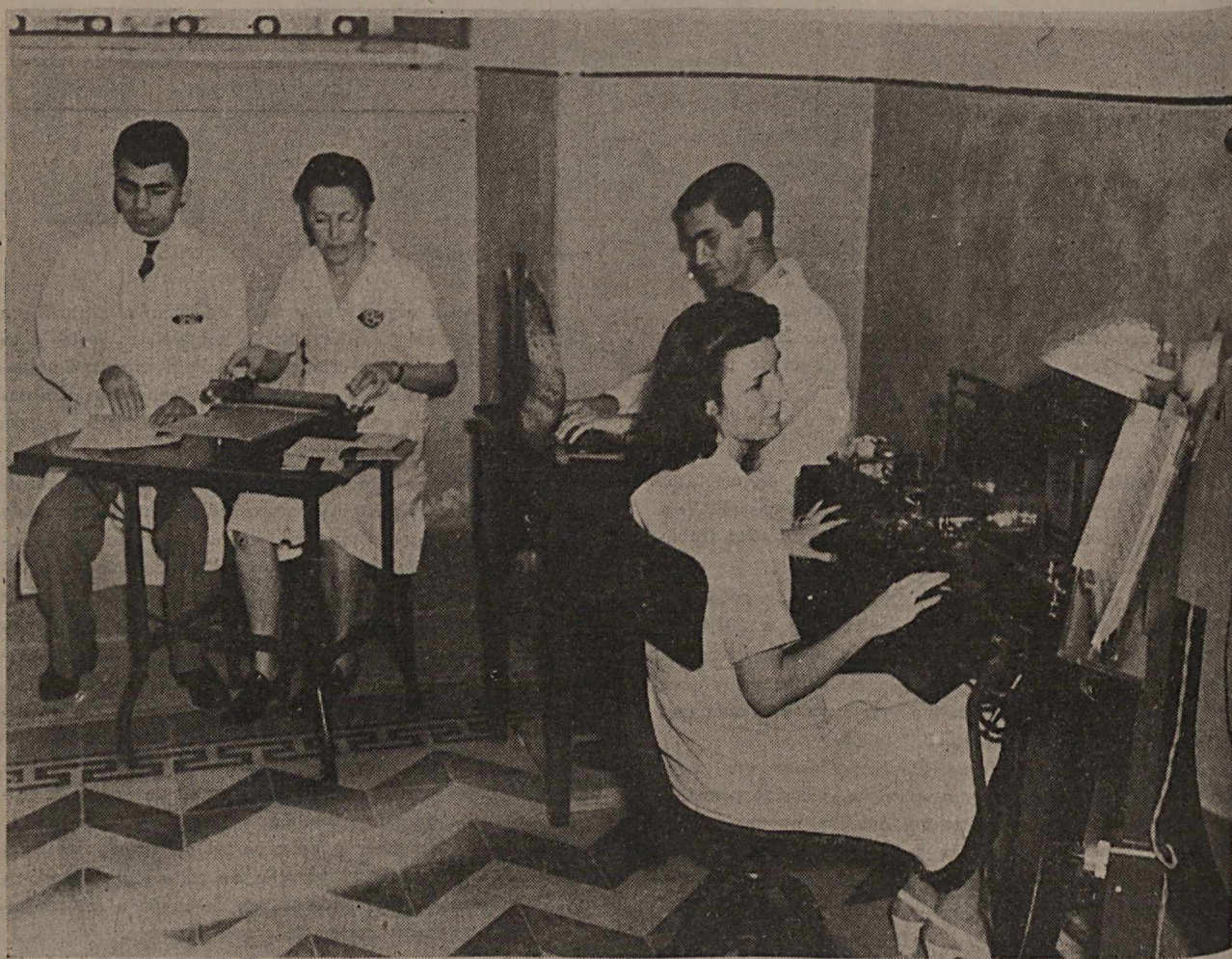
O D. A. S. P. E OS CÉGOS

Antes de falarmos ao professor Espinola Veiga, já havíamos estado na Secção Braille, onde o Sr. Helio Bezerra do Amaral teve ensejo de nos dar suas impressões quanto à deliberação do D.A.S.P. em permitir a inscrição de cegos em seus concursos e provas de habilitação. Achamos também que seria interessante ouvir sobre o mesmo assunto o professor Veiga, que no Instituto Benjamin Constant é, sem favor, o guia intelectual da casa.

E suas observações sobre a atuação do D.A.S.P. são estas, em resumo:

— Com a nova concepção da "incapacidade relativa", o D.A.S.P. está procurando aproveitar os cegos como a outros anormais do físico em funções públicas compatíveis com a sua capacidade. E' facil compreender que o ambliope (indivíduo de vista fraca), incapaz de guiar automovel, pode entretanto conduzir elevador. O cego poderá ser telefonista, redator, speaker, técnico de educação e de outros assuntos dentro das suas possibilidades físicas e preparo intelectual. Sei que a Divisão de Seleção está procedendo a estudos nesse sentido e confio em que daí virão melhorias na situação social dos que não veem. Cumpre considerar que a privação da vista torna o indivíduo afastado e muito mal compreendido do meio social. Daí, ter o Governo de tomar a dianteira no aproveitamento desses deficientes para que os particulares também comecem a aproveitá-los. Com as provas que fez realizar dentro do Instituto Benjamin Constant os técnicos do D.A.S.P. puderam aquilatar das possibilidades de quem não vê. Por isso estão eles hoje vivamente empenhados em dar aos cegos posição condigna nas fileiras dos que trabalham para o bem do país.

Foi, pois, com grande prazer que ouvimos do erudito professor Espinola Veiga essa apreciação de conduta do



Estereotipia e Datilografia Braille.

D.A.S.P., iniciando bela e nobre campanha que naturalmente será seguida também por organizações de trabalho particulares.

VISITA À SECÇÃO BRAILLE

A Secção Braille é constituída da Transcrição, da Encadernação e da Biblioteca.

Na Transcrição assim se trabalha: os textos impressos no alfabeto comum são passados para o sistema Braille, o que é feito por três sistemas: em máquinas de stereotipia e de datilografia e por intermédio de uma chapa, de escrita em *punção*. Na stereotipia a gravação se faz em placas de zinco, que servem de matrizes, para impressões, que se queiram fazer em qualquer tempo. Na máquina de escrever Braille o papel é posto de forma quase semelhante à em que é metido nas máquinas comuns, correndo em plano horizontal, em vez de vertical, como nestas últimas. O teclado é bem diferente: à direita, três teclas e à esquerda outras três, havendo um espacejador. Nada, portanto, mais simples! Na chapa de *punção*, de uso frequente, não só pelo manuseio fácil como também pelo seu preço, que não excede de 80\$0, o cego escreve cartas, toma apontamentos em aula, etc., dela se utilizando assim como o vidente se utiliza do lapis. A Sra. Lygia Gomes Pereira, que é transcritora da Secção Braille, nos fez demonstração do trabalho de *punção*. E' preciso esclarecer: o transcritor não é cego. Ele lê o trecho no alfabeto comum e o transcreve no sistema Braille, trabalhando como lhe aprouver: ora em máquina de escrever Braille, ora na chapa de *punção*. Feita essa transcrição, cabe a um revisor cego "ler" com os dedos afim de ver se nela houve qualquer erro.

A Encadernação é chefiada pelo cego Alfredo José Jorge; a Biblioteca, pela cega Minervina de Souza Leal e a Transcrição, pelo cego Helio Bezerra do Amaral, que é o chefe da Secção Braille, como já dissemos.

Na Biblioteca há, no alfabeto comum, obras de valor como os "Sermões", de Vieira, em edição raríssima; e obras completas de Voltaire e Chateaubriand e "L'homme et la Terre", de Elisée Reclus. Mas será enriquecida de obras na sistema Braille, organizadas no Instituto.

A SECÇÃO BRAILLE E O D. A. S. P.

O Sr. Bezerra do Amaral e outros cégos do Instituto conquistaram os cargos que ocupam por meio de provas de habilitação realizadas pelo D.A.S.P. e às quais também concorreram candidatos videntes para funções de transcritores.

Nas provas para admissão de cégos em funções adequadas, como sejam: bibliotecário, encadernador e revisor de provas em Braille, o critério estabelecido para julgamento dos candidatos foi o mesmo adotado no concurso a que se submetem os videntes, sem qualquer tolerância ou transigência por parte dos examinadores.

E, assim, ingressaram no Instituto Benjamin Constant 12 cégos para funções em que, antigamente, o provimento se fazia por simples designação dos diretores.

O QUE ESTÁ FAZENDO AGORA A SECÇÃO BRAILLE

A Secção Braille está preparando os livros para os cursos quando estes se reiniciarem e editando a "Revista Brasileira para Cégos", de iniciativa do atual diretor do Instituto, e cuja primeiro número apareceu na "Semana do Presidente Vargas" e em sua homenagem.

O BOM HUMOR DOS FUNCIONÁRIOS

No gabinete do Sr. Bezerra do Amaral, onde dois outros cégos nos foram apresentados, os Srs. Pedro Petronio e Alfredo José Jorge, no fim de poucos minutos nos sentiamos à vontade, pois a alegria de todos, a cordialidade e uma cortezia simples e acolhedora concorreram para nos dar liberdade para importuná-los com perguntas sobre um mundo de coisas. Outra observação: só encontramos gente moça no Instituto.

DEMONSTRAÇÃO DE RESPEITO E GRATIDÃO

Depois de muito ouvirmos sobre os serviços atuais da casa, passamos a ter informações sobre os seus mestres e benfeitores, com referências simpáticas a quantos veem trabalhando ou já trabalharam, hoje e noutros tempos, pela prosperidade do estabelecimento.

Quanto a professores, citou o Sr. Bezerra do Amaral os seguintes e todos também cégos:

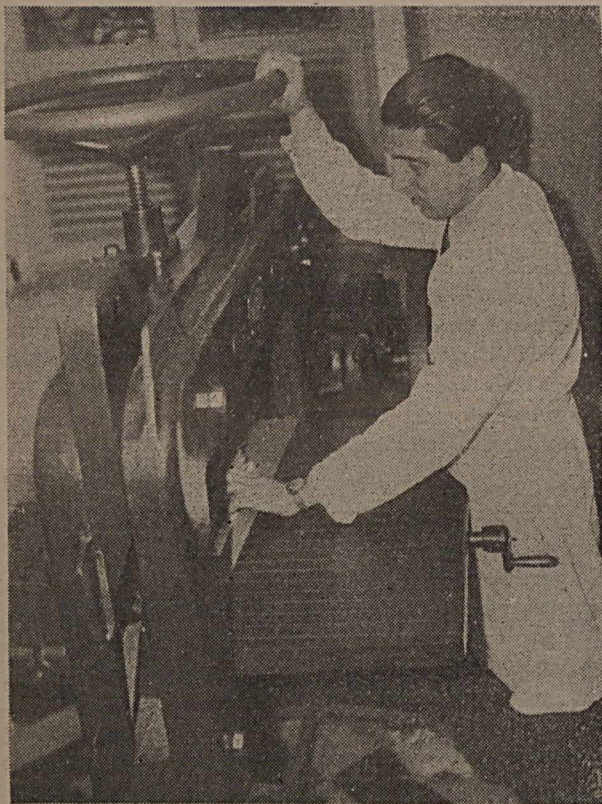
João Freire de Castro, mestre de talento musical vulgar, catedrático de violino e violoncelo.

Mauro Montagna, professor jubilado de geografia e nomeado por ato de Benjamin Constant. Ele idealizou a confecção em madeira, e só para uso dos cégos, de mapas do Brasil, dos Estados e também da América do Sul. Em 1922, na Grande Exposição do Centenário, o professor Montagna expôs um desses mapas, de efeito maravilhoso, em que se percebia até o movimento dos rios e o traçado de estradas de ferro e de rodagem, por meio de sulcos luminosos na madeira, assim como quedas d'água e cidades, de forma muito graciosa e atraente. Esse mapa está hoje em exposição no Museu Nacional. O Distrito Federal também foi fixado assim, em relevo na madeira, como se fosse visto do alto, com a baía de Guanabara, as praias e ilhas e também com as linhas férreas da Central, Leopoldina, Rio d'Ouro e Linha Auxiliar, em traços luminosos.

Professor J. Espinola Veiga, que está em exercício, vem colaborando de forma destacada com o Dr. João Alfredo. Homem muito culto, lê o professor Espinola Veiga livros ingleses e franceses impressos no sistema Braille, assim como revistas estrangeiras. E' assinante da "Reader's Digest", edição em inglês em Braille, estando assim em dia com uma porção de assuntos interessantes que a conhecida publicação norte-americana oferece a seus milhões de assinantes em todo o mundo e, aqui no Brasil, através de sua edição em português, recentemente criada e recebida com muito agrado pelo público. A propósito de livros em sistema Braille fomos então informados de que são caríssimos. Poder-se-ia ministrar fácil instrução aos cégos se estes pudessem contar com pessoas videntes dedicadas que lhes fizessem leitura em voz alta dos livros comuns. Mas,

como conciliar a vontade do leitor, na escolha da leitura, com a do cego, que muitas vezes necessita saber ou conhecer assunto árido, que no momento só lhe interessa? Para pagar a esses leitores, não haveria dinheiro que chegasse, concluiu sorrindo o Sr. Bezerra do Amaral, que continuou em seguida a referir-se aos antigos professores da casa.

Maria da Conceição Borges começou como aluna do Instituto, onde se educou e chegou a professora de teoria musical, exercendo o magistério durante 36 anos. Foi au-



Um cego trabalhando na guilhotina elétrica de cortar papel, na Secção Braille.

tora de um compêndio da matéria, adotado por muitos anos no Instituto e todo ele no sistema Braille, pois que ela era também cega.

E a propósito de Conceição Borges, o Sr. Bezerra do Amaral nos disse:

— Aquí no Instituto até hoje se fala na história dos sapatos de Conceição Borges. Era ela menina de cinco anos, com suas duas trancinhas *encarrapichadas* e com uma fitinha nas pontas. A Maricotinha formou um dia pela primeira vez com as outras, à espera do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz D. Teresa Cristina, que vinham visitar o então Imperial Instituto. Quando o monarca passava perto da Maricotinha notou que ela, ao contrário das outras, então alegres e sorridentes, chorava, contrafeita na fila, demonstrando se achar seriamente contrariada. O Imperador dela se aproximou, perguntando-lhe a causa de tanto aborrecimento. Maricotinha desandou então num berreiro danado, como fazem muitas vezes as crianças quando se sentem muito mimadas. E, afinal, desembuchou

a pequena, confessando que chorava porque os sapatos lhe apertavam os pés. O Imperador tirou-a da forma e, pondo-a ao colo, desapertou-lhe os malditos sapatinhos. E Maricotinha cresceu, ficou moça, fez-se velha e não deixava de referir-se a esta cena, que relembrava satisfeita e orgulhosa.

J. Cerqueira, já falecido, que tocou piano a quatro mãos com Artur Napoleão e também de outra feita com o pianista e compositor norte-americano Luiz Moreau Gottschalk, que faleceu no Rio de Janeiro em 1869. Foi ele autor das célebres composições "Bambula", "Meia Noite em Sevilha", "Marcha da Morte" e fantasia do Hino Nacional, tocado com maestria pela insigne Guiomar Novais. J. Cerqueira ensinava piano no Instituto.

Francisco Gurgulino de Souza foi professor de harmonia e deixou um compêndio dessa disciplina e adotado durante muitos anos. Gurgulino, de grande talento musical, foi organista em várias de nossas igrejas.

José Augusto Ribeiro, professor e poeta, ensinava português, matemática e outras matérias. Foi em comissão do Governo à Europa, quando Benjamin Constant era ministro de Instrução Pública. Estava em Paris e, quando soube da morte do fundador da República, escreveu belo soneto em que traduziu seu pesar pelo desaparecimento do grande republicano.

Em ambiente de evocações tão delicadas, que por si sós bastavam como expressiva demonstração de justiça e bondade dos cegos que me receberam no Instituto Benjamin Constant, ouvi referências à Sra. Maria Jacobina Rabelo ou, melhor, D. Maroquinha Rabelo, como é mais conhecida através de sua obra filantrópica e de suas produções literárias, como escritora e poetisa, de fina e delicada sensibilidade.

Desejando saber como viviam os cegos no Instituto Benjamin Constant, foi um dia D. Maroquinha Rabelo visitá-los. Ali teve acolhida simpática da direção e dos alunos do estabelecimento, entre os quais se distinguiram as ceguinhas Alzira Ferreira, Palmira Bastos e Maria Corrêa. A visitante fixou num poema "As cegas" as impressões dessa visita, que lhe deixou funda impressão, como se verá adiante, nestas notas apressadas, pelo interesse que desse dia em diante tomou a escritora pelos nossos cegos.

D. Maroquinha Rabelo, observando que entre os cegos do Instituto, muitos havia que poderiam ter instrução mais apurada, além da aprendizagem de ofícios nas oficinas, resolveu contar-lhes histórias a princípio e depois a dar verdadeiras aulas de literatura, sendo que a primeira, segundo programa devidamente estabelecido, foi dada a 4 de junho de 1914, às 8 horas da manhã.

Lá no Instituto Benjamin Constant ainda se encontram cegos, hoje funcionários da casa, que devem muito de sua instrução e cultura às aulas, verdadeiras *horas literárias*, como as classificou o Sr. José Oiticica, da grande amiga dos nossos cegos.

O Sr. Helio Bezerra do Amaral é um deles, e sua esposa, que foi educada no estabelecimento, escreveu um livro de versos *Lanterna Acesa*, no qual se encontram, entre outras produções, um delicado soneto em homenagem à memória de Benjamin Constant e outro à data de 4 de julho, dia da primeira aula de D. Maroquinha, em 1914, no Instituto, como referimos linhas antes.

Comove a leitura das poesias da Sra. Benedita Amaral, interessantes pelo dom imaginativo da autora, que, cega de nascença, nos fala do mar, das flores e até da expressão dos regatos com suas águas cristalinas e bubuiantes.

Apesar da *Revista do Serviço Público* não ser publicação literária, somos levados a transgredir-lhe as normas, o que o seu diretor, Dr. Alfredo Nasser, de certo nos perdoará, com a transcrição neste trabalho da poesia com que Benedita Amaral fecha *Lanterna Acesa* e dedicada à Sra. Maroquinha Rabelo:

"ELA

Um dia, deste mundo em meio das riquezas,
A respirar poesia, a decifrar belezas,
Vendo o Céu sempre azul, vendo o chão sempre em flor,
O coração no peito a palpar de amor,
Podendo como toda a gente que é feliz
Não dar ouvidos nunca ao que a desgraça diz,
Dormindo ela sonhou. Que sonho singular!
Sonhou que num cantinho alem, à beira-mar,
Onde o Céu tem mais vida e onde a vida é mais bela,
Alguem então sofria e precisava dela.
E levantou-se e foi. Foi rindo alegremente,
Aos cegos seus levar do sol a luz fulgente,
Com tal solicitude e tal convicção,
Que fez disso mais tarde a sua obrigação.
E começou ness'hora a trabalhar por nós,
A ser o nosso guia, o nosso porta-voz,
A brilhar como o sol no Céu de nossa vida,
A derramar carinho, a se fazer querida,
Podendo como toda gente que é feliz,
Não dar ouvidos nunca ao que a desgraça diz.
E principia a ação dessa mulher grandiosa,
De coração tão belo e de alma tão formosa,
Que tentar descrever seria pretensão,
Porque palavra é som, virtude é coração,
E sente-se a virtude enquanto o som se escreve;
E tanto pesa o som, quanto a virtude é leve.
E ela vai buscar na Arábia os versos doiro
E traz da Grécia antiga o sedutor tesoiro
De prosa e de arte e rima e fama e luz e glória,
Tudo quanto dizer foi permitido à história;
Para ver em noss'alma o dia amanhecer,
Para acender em nós lanternas de saber,
Para nos dar em vez da vista do vidente,
Uma luz que incendeia o coração da gente;
Para cortar, não digo, o mal pela raiz,
Mas para ver o cego um pouco mais feliz.
Felicidade é flor que brota em toda a parte;
Mas cultivá-la é ciência e conquistá-la é arte.
Nos pântanos de dór, nas terras de amargura,
Também germina o amor, também nasce a ventura.
Ela nos traz Homero; e Sócrates nos fala:
Atenas brilha e vibra e veste-se de gala.
Cái Atenas; e Roma a luzir surge agora.
Surge também no cego uma primeira Aurora.
E Cicero êxtasia e arrebatada e assombra.
E assim a luz dissipa em nós sombra por sombra.
E ela vai de vagar levando pela mão
O cego, até tirar-lhe inteira a escuridão,
Podendo como toda gente que é feliz,
Não dar ouvidos nunca ao que a desgraça diz.
Visto que nos escapa o belo da pintura,
Da música nos mostra a cândida doçura.
E Chopin nos deleita; e prende-nos Mozart;
E aprende-se a sofrer e aprende-se a folgar.
E ela nos leva longe e alto e bem distante:
Ela nos mostra o empireo e ressuscita Dante.
E percorre conosco o Céu, astro por astro;
E vai como Beatriz deixando luz no rastro.
Por intermédio dela o cego enxerga o brilho
Dos versos de Camões, das letras de Castilho,
E vem ver-nos e nada a faz deixar de vir

E nunca fica triste, e sempre pode rir,
Como si não quizesse em horas de ventura,
Lembrar-nos o pavor da nossa noite escura.
Si nos deixa, de longe, amavel, nos escreve,
Uma saudade boa, uma carícia leve.
E uma vez por semana, ou faça sol ou não,
Ela nos traz de graça essa consolação
Que o livro sempre lega aos ávidos de luz,
Para sorrir à dór, para esquecer a cruz.
Nessas manhãs de chuva e bruma e vento e frio,
Em que a miséria sente o coração vazio,
Quando a fortuna dorme em leito de setim,
Quando a pobreza como o prato de Caim,
Ela desperta e sai. Que fria madrugada!
E' preciso que leve aos cegos a alvorada.
Que importa que o pardal não salte no arvoredor,
Ou que a neblina cáia, ou seja muito cedo?
Ela tem dentro dalma um astro que irradia;
E' feita de virtude, ornada de poesia.
Para quem vive e ama há sempre sol e luar;
E' sempre azul o Céu, sempre é formoso o mar.
E vão-se um ano e doze, e vinte e muitos mais
E ela acalenta e afaga os mesmos ideais,
A crepitarem sempre em consagrada chama,
Labareda de Deus que só possui quem ama
Com esse amor divino e condensado em luz,
Que só pratica o santo e só sentiu Jesús,
Com esse amor que esquece o Céu do lar feliz,
Para só dar ouvido ao que a desgraça diz.

São oportunas agora algumas informações, anotadas a correr, da atuação da Sra. Maroquinha Rabelo na assistência aos cegos: em 1917, foi aos Estados Unidos, em missão do Governo, afim de visitar os estabelecimentos de cegos naquele país. De volta, realizou na Biblioteca Nacional, em agosto de 1918, uma conferência sobre a educação e a proteção aos cegos norte-americanos e que foi ouvida pelo senador Ruy Barbosa e pelo ministro da Justiça de então. De 1920 a 1921 fez pela imprensa uma campanha pela instituição entre nós do "Dia do Cego". Na administração Melo Matos, no Instituto Benjamin Constant, iniciou ali D. Maroquinha um curso de literatura musical, desde o canto-chão até às músicas de orquestra, coros, piano e canto, prestando-lhe valioso concurso os melhores amadores e artistas brasileiros. Em 1924 iniciou em São Paulo uma campanha em favor dos cegos daquele Estado, campanha essa que terminou com a criação do Instituto Padre Chico, que vem prestando bons serviços aos que são privados da vista. Ainda na Capital paulista fez uma conferência sobre "Os nossos cegos", a qual, lida em Belo Horizonte, levou o presidente Melo Viana a criar na capital mineira o Instituto São Rafael, de que falaremos adiante. Em 1930, regressando de sua viagem à Europa, revelou D. Maroquinha em conferência pública o que pôde observar, nas capitais que visitou, quanto à prática de medidas de prevenção da cegueira e de assistência aos cegos. Hoje, se encontram no Instituto Benjamin Constant duas máquinas de escrever em pontos (Hall Braille Writer) oferta sua aos cegos, para os quais tomou ainda, por várias vezes, assinaturas de revistas inglesas e francesas e também em português, a do Asilo Escola Antonio Feliciano de Castilho, de Portugal, e todas no sistema Braille.

Notando o interesse que os nossos cegos teem pela leitura de revistas, resolveu o Dr. João Alfredo Lopes Braga, diretor do Instituto Benjamin Constant, criar também uma publicação desse gênero, conforme já dissemos antes.

A MULHER BRASILEIRA NAS OBRAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Agrada-nos ter ensejo de registrar aqui nomes de outras damas ilustres que, a exemplo da Sra. Maroquinha Rabelo, vem com solicitude e boa vontade trabalhando em obras de assistência aos necessitados e enfermos, em cruzada que se estende a todos os bairros pobres desta capital e também aos Estados.

A Sra. Darcy Vargas oferece tal concurso a essa nobre missão, que seu nome há de fulgurar hoje e em qualquer tempo e com excepcional relevo entre os dos grandes benfeitores da cidade.

A Sra. Alice de Toledo Ribas Tibiriçá, que ora dirige a Campanha da Saúde, através da Instituição Carlos Chagas, de que é presidente, acaba de criar o Instituto de Serviços Sociais, sob os auspícios da Unisidade do Brasil, e também o Instituto de Serviços Preventivos, inaugurado nesta Capital no dia 28 de julho último, com largo programa de trabalho de assistência social.

A Sra. Eunice Weaver, que está orientando a grande campanha de defesa dos leprosos em todo o Brasil, constitui outro exemplo dignificante da bondade e do sacrifício da mulher brasileira ao lado dos sofredores. E ainda temos outras patricias nossas, em setores diferentes empenhadas também em obras de assistência social: Guerra Duval, Jeronymo de Mesquita, Eugenia Hamann, Stella de Faro, Therezita Porto da Silveira, Ruth Barcelos, Laís Leal Neto dos Reis, etc.

OUVINDO A SRA. MAROQUINHA RABELO

Sendo destacada, como vimos, a contribuição de Dona Maroquinha Rabelo à obra de proteção aos cegos, impunha-se-nos o dever de procurar a ilustre dama, afim de entrevistá-la também.

Fomos ouvi-la, portanto, e aqui reproduzimos de memória, pois não nos foi possível tomar qualquer nota, o que nos disse a delicada escritora e poetisa.

Como era natural, falamos-lhe logo de início do I Congresso Interamericano de Prevenção da Cegueira, que no momento estava com suas sessões em meio.

— Sim, tenho lido e acompanhado com interesse o noticiário do Congresso. Qualquer campanha que se fizer entre nós de prevenção da cegueira, não só pelos poderes públicos, como pela imprensa, rádio, classe médica, professores, industriais e até longe dos centros populosos, nas pequenas localidades do interior, nos sítios e nas fazendas, só pode ser olhada com simpatia. Aliás, devo dizer-lhe que, em conferência realizada em 1918, tive ensejo de dizer isso. E nessa ocasião citei uma instituição que conheci em Nova York, o National Committee for the Prevention of Blindness, que se esforça por estabelecer as causas que direta ou indiretamente conduzem à cegueira, aconselhando também medidas para eliminação dessas causas. Os médicos do National Committee divulgam para isso o conhecimento de tudo que diz respeito aos cuidados com os olhos. Realizam conferências, publicam revistas e afixam pelas cidades de todos os Estados cartazes e documentos

em que provam que os acidentes da cegueira são devidos em grande parte a indústrias mal administradas.

— Desejamos publicar no próximo número da *Revista do Serviço Público* reportagem minuciosa sobre o Congresso agora reunido e esperamos então oferecer, também, certo que em mínima parte, a contribuição que nos tocar como colaborador do órgão oficial do D.A.S.P. Por agora, o que nos preocupa é saber primeiro como vai por aí a assistência aos que já são cegos. Depois, então, havemos de escrever sobre os que não devem ficar cegos.

— A assistência aos nossos cegos, começou D. Maroquinha, precisa orientar-se de outra forma. Entre nós eles só sabem faver vassouras e escovas ou tamancos e empalhar cadeiras. Entretanto, há trabalhos admiráveis que o cego pode fazer, desde que lhe sejam convenientemente ensinados. Nos Estados Unidos, os cegos fazem cestas para flores, utensílios em palhinha, colchões, calçados, tecidos no tear, como tapetes, colchas, panos de mesa, toalhas e redes, e também mobílias de madeira. Pode também o cego afinar piano e a cega executar toda a espécie de trabalho de agulha, como costuras à mão e à máquina, filé, tricô, croché e renda. Uns podem ser massagistas e outros professores. Agora é preciso esclarecer que hoje se tem em vista muito o fator tempo e o lado econômico dos trabalhos dos cegos. E' necessário cuidar-se, sobretudo, do rendimento de cada trabalho.

Quanto aos que praticam as cegas, essa observação se torna ainda mais evidente. Muitas vezes, numa exposição de trabalho de agulhas, tudo que se vê é muito bonitinho, bem acabado e atraente. Ninguém, no entanto, se lembra do tempo que a cega levou para realizar aqueles prodígios de habilidade. Só o tempo? E o lucro que lhe pode dar semelhante trabalho? Quase nada. Agora, ponha-se diante da cega uma pequena máquina elétrica de fazer tecidos de malha e o rendimento será outro. Num estabelecimento de ensino a cegos a *uniformidade* e a *extensão*, sem maior exame, das matérias e dos trabalhos manuais, abrangendo indistintamente cegos de nível mental diferente e de educação e hábitos os mais diversos, só lhes podem ser prejudiciais. Nem sempre se consegue a reeducação do cego, dada a idade em que ele foi admitido no estabelecimento. Impõe-se, portanto, a prática de experimentá-lo através de testes e de observações constantes precedidas de dados exatos de sua vida pregressa. Acho conveniente a organização de grupos de cegos, distribuindo-os pelos seguintes cursos: literário, manual, musical e físico. Só deverão frequentar o curso literário os aptos a serem professores, aqueles cuja mentalidade for comprovada pelos estudos anteriormente feitos. Nesse curso, deve estar incluída a dactilografia, tão útil ao cego, como meio de vida. Esses alunos precisam receber instrução adequada para, logo que terminarem o curso, poderem manter-se à sua custa, ganhando a vida, quer como professores no próprio instituto em que foram educados, quer em qualquer outro estabelecimento de ensino, como se faz nas países adiantados. Irão para as oficinas, afim de aprender ofícios, os que não revelarem aptidão para as letras, conforme o apurado nas provas a que se submeteram.

Na música, pode o cego vencer, equiparado ao vidente, pois, nos Estados Unidos, é considerada defeituosa a edu-

cação do cego sem o apuro da música. E' preciso naturalmente que ela seja bem ensinada, com aproveitamento das verdadeiras vocações, para que o cego possa tirar o necessário partido, preparando-se a lecionar piano, a afiná-lo, a ensinar outros instrumentos ou tocá-los em orquestra, ganhando a vida.

Deve-se rodear o cego de boa música, proporcionando-se-lhe ocasiões de ouvir óperas, concertos sinfônicos, rádio, etc.

A educação física é essencial aos cegos, pois eles não tem o exemplo, pela vista, de como se devem portar e ter boas maneiras. Muito útil é, para o cego, o exercício, a ginástica, passeios moderados, natação e jogos. O recreio ao ar livre, o sol como fortificante e a companhia de pessoas de vista. O cego tem tendência a isolar-se e entregar-se ao tédio. E', pois, de toda vantagem, formar grupos, associações, grêmios, interessá-los em jogos e esportes, para que eles não se achem inferiores aos seus companheiros de vista.

Nos Estados Unidos, há associações que se interessam em colocar os alunos, quando estes terminam o curso. Muitos são levados para escolas superiores, para o aperfeiçoamento da matéria que se destinam a lecionar. Muitos se exercitam no estudo nas escolas preparatórias para se habilitarem a ensinar crianças de vista. Outros são colocados em fábricas e em lojas. Convencida de que o cego deve ser classificado como um competente na sociedade, penso que o nosso único objetivo no Brasil é encaminhá-lo para que ela faça sua independência, finda a educação administrada no nosso Instituto Benjamin Constant.

— E os cegos anormais ou doentes?

— Estes, os débeis mentais, os indisciplinados, os doentes, devem ser mandados para os manicômios, para os asilos e para os hospitais. Nunca se deve consentir na permanência por exemplo de um cego anormal entre alunos de um instituto de ensino.

Feitas estas observações gerais sobre a instrução que se deve ministrar aos cegos, teve ensejo D. Maroquinha Rabelo de referir-se às instituições particulares desta Capital que se dedicam a esse nobre mister e, quanto às dos Estados, citou os Institutos Padre Chico, de São Paulo, e S. Rafael, de Belo Horizonte, cuja organização, embora modesta, considera semelhante à de instituições congêneres dos Estados Unidos, adeantando-se que em 1927 o visitou, tendo recebido agradável impressão.

OS CEGOS DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT VÃO TER SEU DICIONÁRIO EM BRAILLE

A senhora Julia Pego de Amorim resolveu oferecer aos cegos do Instituto Benjamin Constant o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa em sistema Braille. E, assim, com o concurso das senhoritas Maria Pego Santos, Zulmira Cavalcanti Freitas e Maria Amorim Joviano, vem desde junho de 1939 se entregando à penosa tarefa de passar o referido dicionário para o alfabeto Braille.

Se qualquer publicação pequena cresce extraordinariamente quando transcrita em Braille, fácil é de imaginar o que acontecerá com um dicionário inteiro!

A senhora Pego de Amorim já entregou 42 volumes do dicionário que vai oferecer aos cegos e todos devidamente encadernados. A obra completa atingirá a 64 volumes!

QUEM FOI BRAILLE

Já é tempo de dizer alguma coisa sobre Braille, o grande benfeitor dos cegos.

Louis Braille, francês, nasceu na aldeia de Coupvray, próximo de Paris, em 1809.

Seu pai era seleiro e correeiro. Uma vez achava-se ocupado em abrir buracos, com uma sovela, em um pedaço de couro. O garoto, que contava apenas três anos, brincava na oficina, andando em roda do pai. Este, em dado momento, suspendeu o trabalho, deixando a banca, em busca de um outro utensílio, que lhe era necessário na ocasião. O menino, encontrando a sovela abandonada, apanhou-a e tentou imitar o pai. Também ele iria abrir buracos no couro duro!

Desgraçadamente, a sovela escapando-lhe das mãos, caiu ao solo. O pequeno apanhou-a, mas, ao levantar-se, escorregou e, tombando para a frente, cravou o agudo instrumento em um dos olhos.

Aos gritos do filhinho, o pai acudiu, carregando-o nos braços para casa. No dia seguinte e nos outros que lhe sucederam, a criança sofreu dores horripáveis. A vista vasada inflamara e em pouco a inflamação comunicava-se com o outro olho, infeccionando-o por sua vez. Resultaram inúteis todos os cuidados e o pequeno Louis Braille ficou irremediavelmente cego! Nunca mais pôde ver a luz do dia, desde os três anos de idade.

Nessa época já havia institutos para cegos. Não ofereciam, todavia, grande conforto, pois eram mal aparelhados. Louis Braille teve que passar a infância sob os cuidados do pai e da família. Quando atingiu os 10 anos, o velho decidiu enviá-lo para uma das tais escolas em Paris. Esses estabelecimentos eram mais asilos do que institutos. De fato, nada se ensinava aí aos internados pois que eles nada poderiam aprender, desde que estavam impossibilitados de ler!

E' verdade que, alguns anos atrás, um tipógrafo francês chamado Valentin Haüy, encontrava-se certa vez, em sua oficina, quando observou as letras da composição em grosso relevo sobre o papel. Essa prova sugeriu ao operário a idéia de que talvez os cegos pudessem ler se possuíssem páginas análogas, com letras em tipo grande e em relevo. Passando do pensamento à prática, o tipógrafo, compadecido da infeliz condição dos cegos, começou a gravar, com tipo e papel especiais, as páginas que idealisara. Essa tentativa, no entanto, não deu o resultado esperado. O processo era dispendioso, e cumpria em primeiro lugar ensinar aos cegos a lêr, para que eles pudessem aproveitar tais livros!

Outra coisa ainda: as páginas, em virtude do constante manuseio, pois o "leitor" era obrigado a calcar os dedos para sentir as letras, tornavam a adquirir novamente a sua superfície lisa. E, assim, o relevo desaparecia com o tempo.

L. Braille, porem, dotado de uma paciência de santo, aplicou-se ao novo método, com tal assiduidade que em pouco tempo era nomeado professor no Instituto onde se achava internado. Além disso, o infeliz rapaz dedicara-se também à música, conseguindo tocar órgão de maneira admirável! Chegou mesmo a ser organista contratado em várias igrejas de Paris. Verificando, porem, o quanto era difícil, para os seus colegas de infortúnio aprenderem o sistema, criado pelo tipógrafo Valentin, resolveu Braille descobrir outro método que fosse mais fácil e menos dispendioso. Começou logo a trabalhar. Dia e noite, durante muitos anos dedicou-se a essa tarefa pacientemente. Afinal, em 1829, aos 20 anos, L. Braille conseguiu completar o sistema que lhe tomou o nome e é conhecido até hoje como sistema Braille. Consiste ele em um agrupamento de pontinhos em relevo de forma a poderem os dedos reconhecer-los facilmente. Alterando a colocação dos pontos em seus vários grupos, Braille formou assim o alfabeto completo!

Pelo tato, torna-se fácil aos cegos verificarem essa colocação de pontos, reconhecendo dest'arte a letra que eles representem. Isto parece um tanto difícil para as pessoas que teem vista; os cegos, porem, aprendem depressa. E a prova está em que milhares de pessoas privadas da vista teem aprendido a ler rápida e corretamente pelo sistema Braille. Não conseguiu, porem, o seu autor o duplo objetivo que visara: se, por um lado, o novo método tornou mais fácil a aprendizagem da leitura, por outro, a confecção de livros nesse novo sistema era demasiadamente custosa. Uma obra impressa segundo o método Braille exige muito maior número de páginas do que um livro impresso em tipo comum. Uma simples história curta forma um livro grosso. Por aí se pode imaginar o esforço e a dedicação do Sra. Julia Pego de Amorim e de suas dedicadas auxiliares fazendo tal serviço em um dicionário inteiro! Os 19 volumes que compõem a Bíblia completa, em Braille, empilhados no chão, chegam à altura de um homem e pesam sessenta quilos!

L. Braille, não obstante ter inventado o seu maravilhoso sistema em 1829, só muitos anos depois é que o mundo compreendeu o valor desse grande benefício prestado aos cegos. Entretanto, após a difusão da idéia, hoje quase não existe país que não tenha organizado uma fundação para imprimir e distribuir livros dessa natureza.

Basta dizer que somente na Biblioteca Nacional de Nova York, há mais de 1.300 obras impressas pelo sistema Braille e que muitas outras cidades dispõem de bibliotecas bem sortidas. Braille faleceu em 1852, com a idade de 43 anos.

Em 1887, seus conterrâneos, por meio de uma subscrição nacional, erigiram-lhe, na pequena aldeia de Coupvray bem no local onde ele cegara, na velha oficina de seu pai, quando contava ainda 3 anos de idade, um monumento, como preito de gratidão. Há pouco tempo, em 1929, celebrou-se o centenário da invenção de L. Braille. Pelo mundo inteiro, ressoaram as homenagens prestadas como tributo à grata memória do filho do seleiro.

O preito mais significativo, porem, consistiu em um artigo da autoria de uma maravilhosa escritora e intelectual, cega e surda, chamada Helen Keller. Escrevendo para o jornal "New York Times" disse ela: "Os cegos que antes

passavam inutilmente dias vãos, tristes e intermináveis, contemplam hoje o universo com o olhar extasiado quando "leem" com os olhos que "teem" nos dedos... Sim, os cegos, hoje, podem trabalhar, estudar, cantar e trazer a sua contribuição para o bem-estar e a felicidade da humanidade. E foi L. Braille, um cativo também sob um jugo tão cruel como o deles, quem descobriu a chave de ouro, abrindo-lhes a porta da prisão! O sistema Braille é, sem dúvida, uma das mais beneméritas invenções do homem. Por isso mesmo, o seu autor tem aqui o seu nome escrito juntamente com o dos grandes benfeitores da humanidade".

E no "hall" do Instituto Benjamin Constant se encontra o busto de Braille, ao lado do de Valentin Haüy, o tipógrafo autor do alfabeto em alto relevo.

Na mesma disposição e logo depois da escadaria, à entrada, são vistos o de Benjamin Constant e o de Dom Pedro II.

O CONSELHO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL

O Conselho Nacional de Serviço Social, presidido pelo Ministro Ataúlpho de Paiva, tem sua sede à rua México n. 90, 3.º andar.

As instituições de assistência social de iniciativa particular, quando, antigamente, desejavam receber auxílio do Governo, o pleiteavam por meio de "emendas" apresentadas pelos deputados ao projeto do Orçamento da despesa da União, elaborado de tal forma que, parece-nos, não seria exagero considerar tumultuária. O célebre "apagar das luzes" do Congresso tornou-se refrão sedição na linguagem de imprensa diária. Talvez fosse mais adequado dizer-se na *escuridão* das sessões de dezembro da Câmara e do Senado... E as emendas referentes a subvenções, surgidas em verdadeira avalanche, nem podiam ser estudadas conciosamente pelos relatores das comissões técnicas que delas deveriam cuidar. E nesse admirável pandemônio, que funcionou regularmente e com precisão enquanto houve congressos nesta terra, quantos asilos de cegos, pequenas "santas casas" do interior foram prejudicados, porque não tiveram tempo, na Câmara de Deputados de se lhes dar atenção ao implorar, súplices, pequeno auxílio?

Lauro Muller deixou fama como admirável "causeur", modalidade de intelectualismo de difícil prática e que só por um dom excepcional pode ser exercida sem esforço. Hoje, o professor Sampaio Corrêa, continuador de Lauro Muller em fazer-se ouvir sempre com agrado e atenção, é emérito duas vezes: como professor e como conversador.

Como não sabíamos onde se achava funcionando o Conselho Nacional de Serviço Social, falamos primeiro com o Sr. Ministro Ataúlpho de Paiva na sede da Liga Brasileira Contra a Tuberculose (Fundação Ataúlpho de Paiva), à rua da Assembléia, 104, 5.º andar.

Quando conversávamos com S. Ex., observamos-lhe a mesma facilidade, o mesmo dom de Lauro Muller e de Sampaio Corrêa de fazer-se também ouvir com prazer, pela exposição clara e precisa do assunto, de forma que a medida e o equilíbrio dos conceitos emitidos se ajustam

bem, sem formalismos, numa elegância natural e despreocupada.

Como tivéssemos levado ao Sr. Ministro alguns trabalhos nossos, publicados em folhetos e entre eles um referente ao regime florestal no Brasil, foi com prazer que lhe ouvimos a opinião sobre várias essências nossas que, no Distrito Federal, estão desaparecendo, o que levou naturalmente S. Excia. a tratar, por natural associação de idéias, do "Album Florístico", trabalho magnifico de Francisco Iglesias quando se achava à frente do Jardim Botânico. E o Ministro Ataulpho de Paiva teve então observações interessantes em torno de nossas mais belas árvores de ornamentação, descrevendo-lhes a apresentação, o porte, com tal carinho e com tais pormenores, que nos deu impressão de que já trabalhara com o eminente professor Kuhlmann, do nosso Jardim Botânico.

E, com franqueza, quase nos esquecíamos dos cegos...

— Bem, Ribeiro, você procure o Dr. Rogerio Coelho, secretário do Conselho, que lhe pode dar a relação das instituições de cegos que estão recebendo ajuda do governo federal.

No Conselho verificamos com prazer que tudo ali se acha registado devidamente e os processos de concessão ou de reforma anual de auxílios passam pelo crivo rigoroso da investigação, afim de evitar-se a exploração da generosidade pública sob o pretexto de prática da assistência aos "pobresinhos desherdados da sorte", o que, noutros tempos, chegou a tomar feição de fácil e rendosa indústria.

E hoje não há mais confusão ao se despachar esses pedidos, conforme constatamos no Conselho Nacional do Serviço Social. Os seus membros, que trabalham regularmente o ano todo, em sessões calmas e silenciosas, não fazem as coisas no escuro ou, conforme o eufemismo jornalístico, ao "apagar das luzes"... Essa modalidade de comissão de finanças, presidida pelo Sr. Ministro Ataulpho de Paiva e secretariada pelo Dr. Rogerio Coelho, acha-se constituída de pessoas que sempre viveram às voltas com pobres e necessitados, procurando ampará-los e assistí-los. Além desse nobre mister, em que um mundo de coisas profundas aprendem de forma prática e objetiva, os membros daquele Conselho acompanham atentos as transformações por que vão passando, em todo o mundo, os métodos e normas de assistência social, sujeitos a influências várias, como por exemplo, a situação econômica de cada região, o clima, a educação, a moral, etc.

INSTITUIÇÕES DE ASSISTÊNCIA A CEGOS QUE RECEBEM SUBVENÇÃO DO GOVERNO FEDERAL

São estas as instituições que se acham recebendo subvenção do Governo Federal:

Fundação Santa Luzia, de Salvador, Baía; Instituto de Cegos da Baía, de Salvador; Associação Fluminense de Amparo aos Cegos, de Niterói; Associação Aliança dos Cegos e Liga Nacional de Prevenção da Cegueira; e União dos Cegos no Brasil, do Distrito Federal; Federação dos Cegos Laboriosos e Instituto Profissional de Cegos Padre Chico, de São Paulo.

A ASSISTÊNCIA A CEGOS NO DISTRITO FEDERAL

São as seguintes as instituições que dão assistência a cegos nesta Capital:

Instituto Benjamin Constant (oficial).
Liga de Proteção aos Cegos no Brasil.
Associação Aliança dos Cegos.
União dos Cegos do Brasil.
União Geral dos Cegos.
Cenáculo dos Cegos.
Casa dos Cegos.
Sodalício da Sacra Família (só para cegas).

Se nos fosse possível, registraríamos aqui neste trabalho notas e dados estatísticos referentes à vida de todas essas casas beneméritas, mas a angústia de espaço nos força a só fazê-lo daquelas que pudemos visitar ou nos enviaram em tempo as informações que lhes solicitamos.

A ASSOCIAÇÃO ALIANÇA DOS CEGOS

Quando visitamos a Aliança dos Cegos, à rua 24 de Maio n. 47, não conseguimos falar a qualquer de seus diretores, ausentes no momento. Aproveitamos, entretanto, a oportunidade para fotografar o novo edifício em construção e as bancas de trabalho dos cegos que faziam vasouras e tamancos e também o sócio mais antigo da casa, Sr. Henrique Teotonio de Carvalho, que surpreendemos a "ler" com os dedos a *Revista Brasileira para Cegos*.

Das quatro fotografias tiradas só podemos publicar duas. No dia seguinte o Sr. Jorge de Lacerda fez a gentileza de procurar-nos pessoalmente, dando-nos interessantes informações sobre a Aliança, da qual é um dos diretores. Como é cego, o Sr. Jorge de Lacerda se fez acompanhar de um menino, como guia. Antes de começar a conversar e, demonstrando ser homem prático que não sabe perder tempo, virou-se para o garoto, dizendo-lhe:

— Tome o bonde ali defronte da igreja de Santa Luzia e leve isto ao Banco do Brasil. Fico aqui à sua espera.

E retirando da pasta um papel cheio de vistos, assinaturas e carimbos, passou-o ao menino, que também não lhe perguntou nada, demonstrando assim já estar acostumado, como se fosse gente grande, a levar papéis aos "guichets" do Banco do Brasil...

E o Sr. Lacerda foi preciso: "tome o bonde defronte da igreja de Santa Luzia", como se fosse um vidente.

— O senhor conhece bem a cidade, pelo que vemos...

— Como as palmas de minhas mãos. Não há nada de extraordinário nisso, pois sou eu quem trata de todos os negócios da Aliança junto à Prefeitura, Banco do Brasil e comércio...

E observamos então as duas pontinhas do lenço do Sr. Lacerda, a surgir com elegância no bolso da frente do casaco. Nota-se-lhe distinção no trato e facilidade de expressar-se sem revelar desânimo ou essa tristeza característica em todo cego. Homem franco, deu-nos rapidamente informações sobre a vida da Aliança.

Perguntamos-lhe se sempre fora cego.

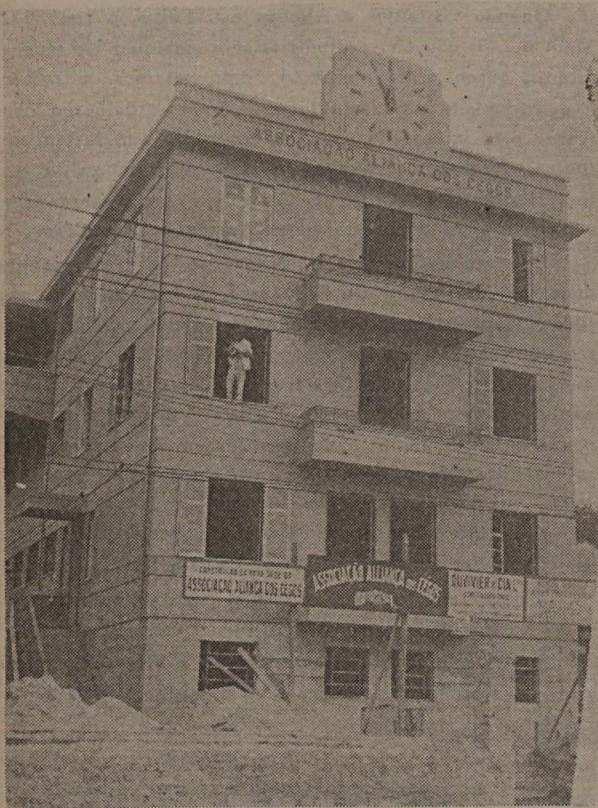
— Não. Fui perdendo a vista quando tinha meus 17 anos, aos vinte fiquei totalmente cego.

E de forma clara nos mostrou, com razões muito ponderáveis, que são incomparavelmente mais infelizes os cegos que já foram videntes, pois os que já nascem sem vista não podem ter saudade do que não conheceram. E essa *saudade* lhe saiu naturalmente, a traduzir angústia, ausência e, enfim, muito sofrimento...

Fomos cruéis. O seu lencinho, com as duas pontinhas dispostas com cuidado, denunciava esforço do jovem cego em manter, tanto quanto possível, os gestos, a postura e a atitude quando era vidente aos 17 anos.

E, assim, a irradiar simpatia, ele nos tortura de tristeza em vê-lo e em ouvi-lo, nessa luta, constante e permanente, entre uma vida externa alegre e outra interior, triste, povoada de imagens, luzes e cores que só lhe aparecem envoltas naquela *saudade* que nos confessou quase sem sentir...

O Sr. Jorge de Lacerda passou em seguida a falar da Aliança, informando-nos que sua fundação se deve a



A nova sede, quase concluída, da benemérita Associação Aliança dos Cegos, à rua 24 de Maio n. 47.

nove cegos, dos quais três já morreram. Acha que a assistência que se lhes pode dar depende, sobretudo, de medidas que devem ser consignadas em lei geral, abrangendo todos os cegos do Brasil, pois as pequenas indústrias que exploram necessitam de amparo oficial, no que diz respeito à isenção de qualquer imposto para colocação de seus produtos nos mercados consumidores, como também quanto

à exclusividade de exploração, que lhes deve ser outorgada. E a propósito teve oportunidade de referir-se ao ante-projeto de decreto-lei que elaborou nesse sentido e ao qual já aludimos logo no início desta reportagem. Acha o senhor Jorge de Lacerda grave erro procurar-se *asilar* apenas o cego, sem lhe dar trabalho. O cego, como qualquer vidente, precisa ter economia própria, constituir família, viver, enfim, condignamente, sem dificuldades outras, além daquelas que já o torturam. E essa é, afinal, a preocupação da Aliança, que não visa qualquer lucro com a venda dos produtos que fabrica nas suas oficinas, pois o que tem sempre em mira é participar os operários cegos que nelas trabalham nas vantagens das porcentagens das vendas e das mensalidades dos contribuintes espontâneos, que são cobradas nos bairros e no centro da cidade de porta em porta.

— Mas a Aliança não recebe a ajuda do Governo Federal e da Prefeitura?

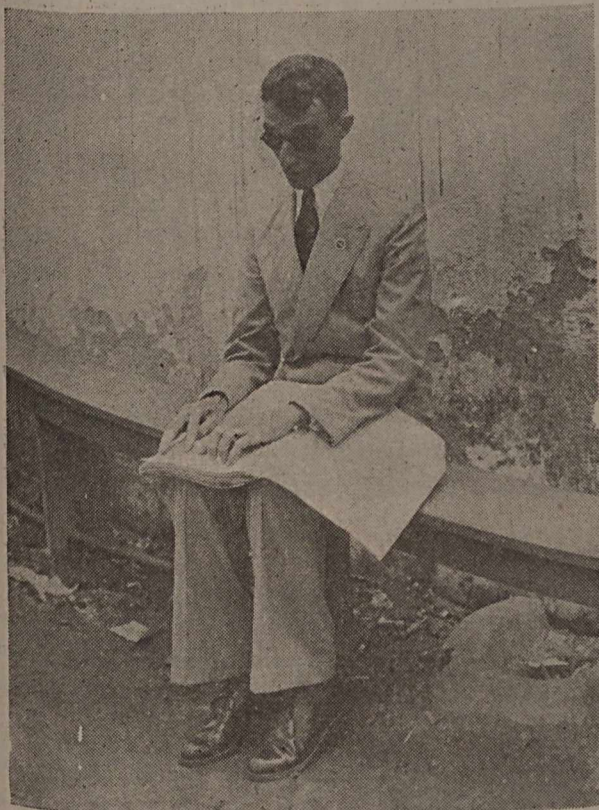
— Recebe, sim. Do Governo Federal 30:000\$0 por ano e da Prefeitura, 20:000\$0. Mas as nossas despesas *mensais* excedem de setenta. Chamo bem a sua atenção; refiro-me à despesa *mensal* com alimentação, vestiário, calçado, assistência médica dispensada a seus protegidos, que também vivem fora da casa e aos quais dá pensão mensal, pequena, é verdade, mas que varia de 40\$0 a 60\$0. Mas há cegos que trabalham conosco, que são casados, têm filhos e se mantêm com produto das comissões que recebem mensalmente e que chegam a passar de 600\$0. E eles não podem parar na luta que sustentam para viver. Felizmente a Aliança sabe dirigir tudo com cuidado, de forma a tornar-se cada vez mais útil e eficiente. E dá-nos pena a quantidade de apelos que recebemos, de longe, dos cegos do Brasil, que acham que aqui no Rio seus companheiros de infortúnio vivem melhor. E, afinal, se se observar bem há de notar-se que a maioria dos cegos da cidade é constituída de elementos vindos dos Estados, sobretudo de Pernambuco. Por isso é que no meu ante-projeto previa a criação de um Departamento Técnico Industrial na capital de cada Estado afim de, concorrendo e dando trabalho aos privados de vista, pudesse estancar a emigração dos mesmos para os grandes centros.

E quando assim falava o Sr. Jorge de Lacerda lembremo-nos, por associação de idéias, do que nos disse o jornalista Aderson Magalhães sobre o que se observa nos manicômios do Estado do Rio, cheios de dementes, filhos de outros Estados e que, à mingua de recursos, são forçados também a emigrar.

Nós mesmos observamos isso quanto a doentes nas "Santas casas" do interior. Uma vez acompanhávamos o ministro Belisário Pena em excursão a Campos e verificamos que a Santa Casa da cidade estava superlotada, em consequência da admissão de enfermos indigentes que lhe iam suplicar uma cama para morrer, porque nos municípios vizinhos não havia hospitais organizados. E até de Santana de Japuíba a Santa Casa de Campos recebia doentes. E' por isso que olhamos com simpatia o que o atual governo fluminense está fazendo no terreno da assistência social.

Mas, demos de novo a palavra ao Sr. Jorge de Lacerda, que não pode e não deve absolutamente ser interrompido:

— A caridade pública do Rio concorre com cerca de 120:000\$0 mensais para as casas dos cegos. E' quantia apreciável à primeira vista; entretanto não se deve esquecer que são oito casas de cegos da cidade e dessas só quatro recebem ajuda oficial. E os cegos que vivem por conta própria, sem ligação com qualquer dessas casas? E no Rio há cerca de dois mil cegos e no Brasil inteiro mais de 45 mil! Quando o Dr. Pedro Ernesto estava na Prefeitura deu ordem ao Departamento de Compras para que só comprasse vassouras, espanadores, etc. dos cegos. E foi então organizada



Cégo veterano da Associação Aliança dos Cegos e um de seus fundadores lendo com os dedos uma revista gravada pelo sistema Braille.

uma tabela de preços, revista periodicamente. E assim a Aliança e as demais instituições que fabricavam esses artigos conseguiam colocá-los facilmente. Mas essa norma não foi mais seguida.

E o Sr. Jorge de Lacerda perguntou-nos:

— E hoje quem pode concorrer com as firmas poderosas que fornecem esses artigos à Prefeitura?

— Atualmente, continuou o Sr. Jorge de Lacerda, os cegos estão lutando com escassez de matéria prima para a sua indústria. O cabelo, a crina animal, que importamos de São Paulo, está caríssima. A piassava, originária da Baía, chega-nos com dificuldade, em consequência da falta de transporte. A palha para empalhar cadeiras, que recebíamos da Bélgica, não vem mais, e a norte-americana é muito quebradiça e, por isso, de inferior qualidade.

— E o novo prédio da Aliança, quando se inaugura?

— Em setembro. Vai nos ficar por 700:000\$0, mas como subiu muito o preço das materiais, já vale réis 900:000\$0. Já estão pagos 460:000\$0 e, com a entrega das chaves, entraremos com mais 100:000\$0, e os restantes 140:000\$0 devemos liquidar dentro de um ano, depois de posse da casa. O novo edifício pode abrigar 200 cegos e não 90, como atualmente. Mas não é questão só de espaço: é necessário que todos nos ajudem a viver, não nos recusando auxílio.

— E o comércio não dá nada à Aliança?

— Como não? Assim de pronto vou lhe citar algumas firmas que nos auxiliam mensalmente. Há casas comerciais que não querem de forma alguma que se lhes publiquem os nomes. Tome nota: Hime & Cia., Walter & Cia., Seabra & Cia., Souto Mayor & Cia., Sul América, Moinhos Fluminense, Inglês e da Luz, Companhia Novo Mundo, Machado Bastos & Cia., José Silva & Cia., Banco do Brasil, Caixa Econômica, etc.

CASAMENTOS DE CEGOS

Agora, umas notas à parte, fora das dificuldades econômicas dos cegos: o Sr. Jorge de Lacerda, interrogado por nós sobre o casamento entre os cegos, nos disse:

— E' comum o casamento de cegos com cegas. A questão está em se conhecerem. No Instituto Benjamin Constant já se tem verificado muitos. Também há casamento de cégo com moças videntes, mas já não são muito frequentes. Eu, por exemplo, casei-me assim. Agora, o senhor não me aponta um casamento sequer de homem vidente com céga. Nunca vi.

— Por que?

— Porque o homem é mais egoísta de que a mulher e não quer saber de encargos pesados e só pensa na sua comodidade, enquanto a mulher é muito mais abnegada e altruísta.

INSTITUTO SÃO RAFAEL

O Dr. Noraldino Lima, quando secretário da Educação em Minas, muito se interessou pelo Instituto S. Rafael, de Belo Horizonte. Acharnos, portanto, conveniente ouvi-lo a respeito. O Dr. Ranulfo Pereira da Silva, seu amigo, teve a gentileza de lhe falar da nossa pretensão de procurá-lo, a que o Dr. Noraldino Lima acedeu prontamente.

Recebeu-nos no seu gabinete de trabalho, no Departamento Nacional do Café, e teve ensejo de referir-se com satisfação ao Instituto São Rafael, reportando-se aos serviços que essa magnífica organização de trabalho e de ensino vem prestando aos cegos de Minas.

O Dr. Noraldino Lima referiu-se ao Dr. Melo Viana, criador do Instituto, que vem tendo de todos os Governadores do Estado a ajuda necessária, inclusive a do atual, o Dr. Benedito Valadares.



Instituto São Rafael — Departamento Masculino — Secção de: Fábrica de Vassouras, Moveis e cestos de Vime, Empalhação de cadeiras, etc.

Quando lhe pedimos informes das atividades atuais do Instituto, respondeu-nos o Dr. Noraldino Lima:

— Já me acho afastado de Belo Horizonte há cerca de cinco anos, mas devo dizer-lhe que, embora o Instituto São Rafael se encontre instalado modestamente, em prédio adaptado, em que esteve um grupo escolar, seus serviços vão correndo bem e hoje temos alguns cegos, músicos de renome, que foram educados no estabelecimento. Agora de pronto posso citar-lhe estes: Jésus Oliveira, violinista, e Arnaldo Marchesotti e Joanino de Barros, pianistas. Criado o Instituto, foi nomeado seu diretor o José Donato Fonseca, que nessa ocasião era quase um menino. Pois bem, até hoje está lá como diretor, trabalhando com muita dedicação e esforço.

Não podemos deixar de transmitir aos nossos leitores essa palestra em que, afinal, se encontram amáveis e justas referências a pessoas ligadas à vida do Instituto S. Rafael.

O Dr. Noraldino Lima comunicou-se com a direção do Instituto, que nos enviou de Belo Horizonte as seguintes notas:

HISTÓRICO E ATIVIDADES DO INSTITUTO

O Instituto São Rafael foi criado pelo decreto número 7.262, de 22 de junho de 1926, sendo o segundo estabelecimento, no gênero, em nosso país.

Tem como objetivo a educação e instrução da juventude cega, sob a assistência moral e material do Governo do Estado de Minas Gerais. É um colégio que compreende internato, semi-internato e esternato para ambos os sexos. Ministra aos cegos instrução primária, secundária, artística e profissional. O primário é feito em 4 anos e o secundário em cinco. Os programas de ensino adotados no estabelecimento são os do curso primário das escolas oficiais do Estado e os do Colégio Pedro II, com as modificações e adaptações que se tornaram necessárias afim de se enquadrarem ao ensino dos cegos. O curso de música é feito de acordo com os programas do Conservatório Mineiro de Música. O curso profissional consta de trabalhos manuais, oficinas gráficas no sistema Braille e de encadernação; fabricação de escovas, vassouras, espanadores, secção de vimaria, empalhação de cadeiras, etc.

Com mais de 15 anos letivos de funcionamento ininterrupto, o Instituto São Rafael já produziu frutos muito apreciáveis e promissores. Sete turmas já foram diplomadas pelo estabelecimento e vários de seus ex-alunos estão colocados, alguns no próprio Instituto, prestando bons serviços, outros em São Paulo e em instituições de trabalhos para cegos.

Pelo decreto n. 11.500, de 11 de novembro de 1934, o Governador Benedito Valadares, tendo como Secretário da Educação o Dr. Noraldino Lima, dotou de novo regulamento o Instituto São Rafael, que passou a ter nova feição, compatível não só com a notável evolução dos processos educativos, como também com o progresso que sempre marcou os dias de vida do Instituto, obrigando-o a sair dos moldes do antigo regulamento aprovado pelo decreto n. 7.680, de 3 de junho de 1927, que trata da assistência e proteção a menores abandonados e delinquentes.

Agrada-nos ressaltar que muito cooperou para a fundação do Instituto S. Rafael a ilustre educadora D. Maroquinha Rabelo. Um ano depois da fundação do Instituto, em 2 de junho de 1927, D. Maroquinha visitando o estabelecimento deixou no livro de visitas a seguinte impressão:

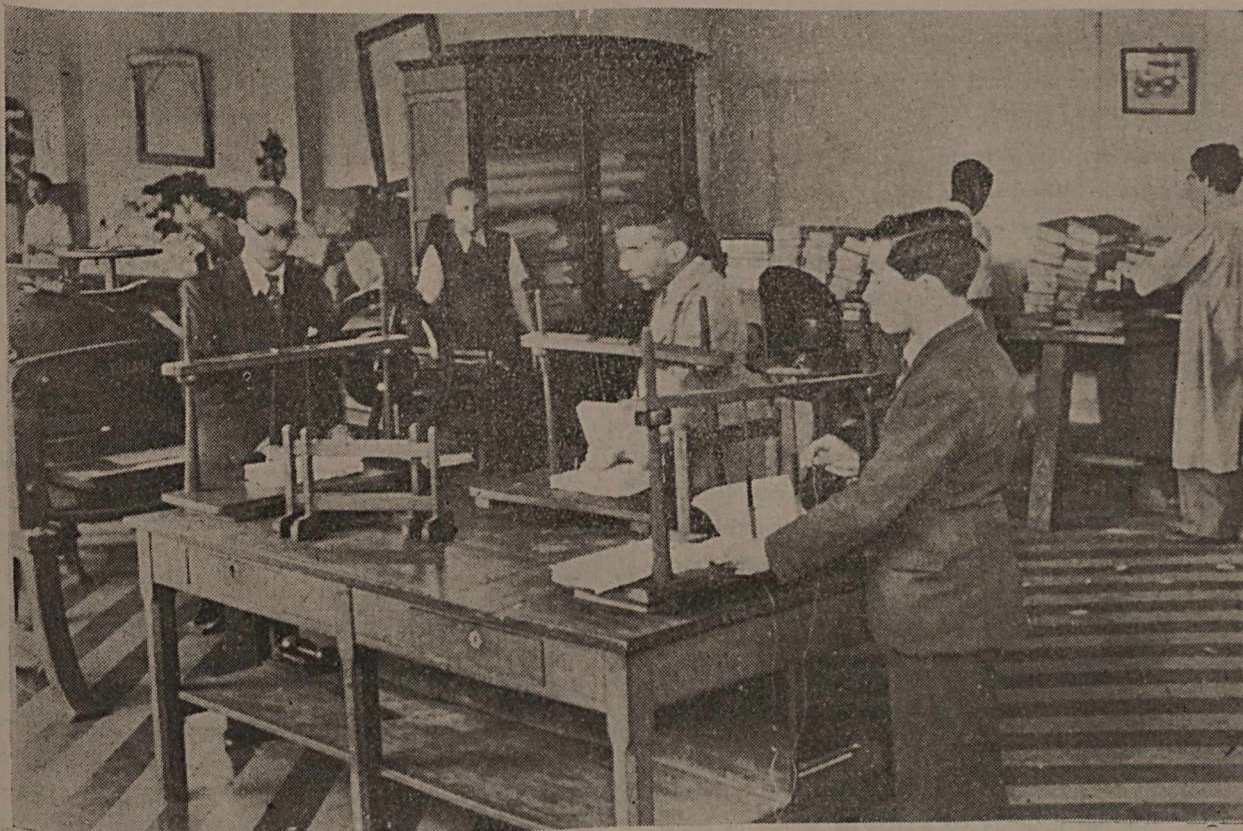
— “Estive nos Estados Unidos da América do Norte e percorri com interesse todos os estabelecimentos para cegos, curvando-me ante a grandeza e magnificência de todos eles. Visitando o Instituto São Rafael, casa de educação para cegos, fundada sob orientação do eminente Dr. Fernando de Melo Viana, fiquei maravilhada e senti, como brasileira e grande amiga dos cegos, um íntimo orgulho de verificar que o Brasil já possui um Instituto modelar, calcado nos ensinamentos americanos. Deixo aqui registrados os meus aplausos muito sinceros. Felizes os

cegos que se achegarem ao Instituto São Rafael em demanda da instrução, pois eles aí encontrarão a felicidade.— (Ass. Maroquinha Rabelo — 2-6-1927)”.

Obedecendo à orientação do Governador Benedito Valadares Ribeiro e do Secretário da Educação e Saúde Pública, Dr. Cristiano Monteiro Machado, ficou, este ano, o Instituto dotado de uma fábrica de vassouras de piassaba, vassourinhas sanitárias, espanadores e bem assim de uma secção de vimaria, afim de atender às inúmeras encomendas do Departamento de Compras do Estado, anexo à Secretaria de Finanças, que já recebeu 2.500 vassouras no ano passado. No corrente ano de 1942, durante o primeiro semestre, já foram manufaturadas nada menos de 1.500 vassouras, para o citado Departamento, apesar das dificuldades crescentes com que se vem lutando, dado o elevado custo e escassez da matéria prima.

Atendendo aos pedidos da Inspetoria de Gasto Material, a oficina de marcenaria do estabelecimento reformou inúmeros moveis para várias repartições do Estado.

Na secção editora do Instituto já foram passadas para o sistema “Braille” as seguintes obras: *História do Brasil*, *História da Civilização*, *História da Literatura*, *História Natural*, *Ciências Físicas e Naturais*, *Gramatica Francesa*, *Gramatica Inglesa*, *Leitura Infantil Francesa*, *Histoire de Ma Vie* (Helen Keller), *Geometria*, *Lições de Português*, *Seleto Francesa*, *Estrada Suave*, *Geologia*, *Cosmografia*, *Os*



Instituto São Rafael — Departamento Masculino — Secção Gráfica — Editora.



Instituto São Rafael — Departamento Feminino — Mocinhas cegas na "Secção de Trabalhos manuais".

Luziadas, Royal Readers, Aritmética; Série Rangel Pestana, O Livro de Ildeu, Vida Escolar, Antologia Brasileira, Coração e Leituras Latinas.

No ramo Artístico Musical tem sido impressos vários volumes sobre: — Harmonia e Solfejo, com seus respectivos métodos de estudos para todos os instrumentos musicais. Em 1941 foi impresso no sistema "Braille" o *Dicionário Francês-Português*, talvez o primeiro nesse gênero. A Biblioteca do estabelecimento conta, na atualidade, com cerca de 4.200 volumes em todos os ramos.

O Instituto, que tem fornecido a estabelecimentos congêneres obras impressas em suas oficinas, realiza, anualmente, exposições de trabalhos profissionais, dos departamentos masculino e feminino, sendo que deste último são muito apreciados os trabalhos de tricô, filé, croché, etc., etc. Possui centros de estudos e literários, dirigidos pelos próprios alunos. O estabelecimento conta com uma orquestra e um corpo orgânico, com os quais participa da "Hora Educativa", divulgada pela emissora local, Rádio Inconfidência de Minas Gerais.

O Instituto, no momento, acha-se literalmente lotado, contando com um total de 90 alunos de ambos os sexos, matriculados nos seus diversos cursos. Dados os dispositivos

de suas acomodações e funcionando o estabelecimento em prédio adaptado para tal fim, vê-se a sua administração quotidianamente forçada a recusar novos alunos, impossibilitado assim de satisfazer as inúmeras solicitações de perdidos de matrícula, cujos interessados a todo o momento batem à sua porta.

O RIO E A ORQUESTRA DOS CÉGOS

Em manhãs luminosas e agradáveis do inverno carioca, quando se passava há tempos pela rua Gonçalves Dias ou da Assembléia, era com prazer que se ouvia a orquestra de cegos espanhois a deliciar os passeantes com trechos da "Tosca" ou de lindas músicas de Strauss. Eram ao todo cinco figuras.

Houve tempo em que havia duas músicas de rua: essa dos cegos e a execrável banda alemã, que em vez de atrair, afugentava a gente. Defronte ao Café Jeremias, onde hoje se encontra "A Exposição", surgiam às 8 horas da noite os bárbaros mutiladores de qualquer música que lhes passasse pela cabeça tocar. E quem na terrasse do café não houvesse pago ainda a despesa, chamava irritado o Rápido, o garçon simpático e calmo que ali serviu durante

mais de vinte anos, afim de poder raspar-se o mais depressa possível, fugindo da charanga azucrinante, que só servia para perturbar a conversa ou o descanso dos que iam esparecer um pouco naquele recanto da Avenida Rio Branco, esquina de São José.

A banda alemã constituia então *excepcionalíssima* exceção, pois que na época se fazia boa música na cidade. Os grandes cinemas mantinham orquestras, e a do velho Odeon, que funcionava na Avenida, esquina de Sete de Setembro, era excelente, tendo a Marie Louise, francesa elegantíssima, como primeiro violino.

Bons tempos aqueles!

E tudo foi acabando, e a orquestra dos cegos a desfalcar-se com o concurso da Morte, que só deixou o violão e o violino. Depois, desapareceu o primeiro, restando-nos o prazer de encontrar de vez em quando o cego magrinho, que tocava violino, sentado no bar da Brahma a tomar um chopp que nunca mais acaba. Ele vai ali apenas para ouvir a música da casa, lembrando-se talvez com tristeza dos bons dias em que também distraia o carioca com sua orquestra, na qual a harmonia de música se casava, intimamente, com a harmonia de sentimentos dos executantes, de suas afeições recíprocas, pois que todos eram cegos e todos eram amigos.

.....
O diplomata e escritor Paulo Vidal, hoje Diretor do Serviço de Administração do D.A.S.P., no seu interessante livro *Postais de Longe*, nos dá notícia do espanhol, gordo e sanguíneo, que tocava violão na orquestra dos cegos. Ele não morreu! Foi encontrá-lo em Barcelona a pedir esmolas.

Passava o escritor pela rua de Santana, naquela cidade do sul da Espanha, quando, ao dar esmola a um pobre, o reconheceu logo, perguntando-lhe:

— “Deixou, então o Rio de Janeiro?”.

— Sim, meu senhor; depois de 24 anos deixei o Rio e há dois voltei à Espanha e estou em Barcelona. Tenho dois filhos brasileiros e bastante saudades do Brasil.

— E seus companheiros?

— Três morreram; só ficamos dois: o do violino e eu. Aquele lá ficou, certo de não ter mais ninguém por aqui. Mas eu descobri-lhe uma irmã ainda no mundo. Talvez venha também acabar, como eu, os dias na pátria”.

Assim Paulo Vidal, nos *Postais de Longe* referiu-se de forma evocativa à antiga orquestra dos cegos, dando-nos notícia de uma de suas figuras, que supunhamos também desaparecida para sempre.